OS GRANDES LÍDERES

IVAN O TERRÍVEL

NOVA CULTURAL

OS GRANDES LÍDERES

IVAN, O TERRÍVEL

Thomas Butson

NOVA CULTURAL
1988

ROGER VIOLLET

EDITOR
RICHARD CIVITA

NOVA CULTURAL

Presidente
Flávio Barros Pinto
Diretoria
Carmo Chagas, Iara Rodrigues,
Pierluigi Bracco, Plácido Nicoletto,
Roberto Silveira, Shozi Ikeda,
Sônia Carvalho

REDAÇÃO
Diretor: Carmos Chagas
Editores Executivos: Berta Sztark Amar,
Stefania Crema
Produção editorial:
Isabel Raposo (edição de texto),
Celso Heredia (chefe de arte),
Alzira Moreira D. Braz
(coordenação preparação de texto).

COMERCIAL
Diretor: Roberto Silveira
Gerente Comercial: Joaquim Celestino da Silva
Gerente de Circulação: Denize Mozol
Gerente de Propaganda e Promoções:
José Carlos Madio
Gerente de Pesquisa e Análise de Mercado:
Wagner M. P. Nabuco de Araújo

CLC A Editora Nova Cultural Ltda.
é uma empresa do Grupo CLC —
Comunicações, Lazer, Cultura S.A.
Presidente: Richard Civita
Diretoria: Flávio Barros Pinto, João Gomez,
Menahen M. Politi,
Renê C.X. Santos, Stélio Alves Campos

©1988 by Chelsea House Publishers, a division
of Main Line Book Co.
©1988, Editora Nova Cultural Ltda.,
São Paulo, Brasil, para a língua portuguesa.

Capa:
New York Library Picture Collection (primeiro plano)
e Keystone (fundo).

Edição organizada pela Editora
Nova Cultural Ltda.
Av. Brig. Faria Lima, 2000 — 3.º andar
CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil.
(Artigo 15 da Lei 5988, de 14/12/1973.)

Esta obra foi composta na AM Produções Gráficas Ltda.,
e impressa e encadernada no Círculo do Livro S.A.

Índice

1. O difícil legado 7
2. "Tempos felizes" 19
3. Europa: uma tentação 31
4. Senhor da vida e da morte 45
5. Sibéria: uma fonte de riqueza 63
6. Presságios do fim 75
Cronologia 85

1

O difícil legado

O menino dormia quando invadiram seu quarto. Brutalmente acordado pela presença dos boiardos partidários dos Chuisky, o pequeno Ivan, Grão-Duque de Moscou, com apenas 11 anos de idade, já sabia o que era temer pela própria vida. Sentou-se depressa na cama e, apesar do coração disparado, tentou dominar o horror que aqueles homens lhe provocavam. Parados agora à sua frente, os boiardos — como eram chamados os nobres na Rússia medieval — estavam à procura do arcebispo Josef, chefe da Igreja Ortodoxa em Moscou, e partidário da família Bielsky, rival dos Chuisky. Na fuga, o arcebispo buscara como primeiro refúgio os aposentos reais no Kremlin.

Seus perseguidores haviam hesitado em frente à porta do pequeno Ivan, mas diante da urgência da situação, nem os aposentos do grão-duque estavam fora de suspeita. Ele não sabia exatamente por que aqueles homens estavam ali, e só pôde concluir que iriam matá-lo. Reconheceu alguns deles que, depois de buscarem em vão pelo arcebispo, deixaram o quarto tão rapidamente como haviam entrado. E sem explicações. Por longo tempo o menino ficou de olhos fixos naquela porta aberta sob a luz pálida da madrugada.

Durante anos, Ivan presenciara as lutas faccionárias entre os Chuisky e os Bielsky, as grandes famílias de boiardos que quase levaram Moscou à destruição, ao derramamento de sangue e à anarquia. Os boiardos haviam ignorado, manipulado e humilhado o pequeno Ivan desde a morte de sua mãe, a regente, quando ele estava com apenas 7 anos, e agora vinham aterrorizá-lo. A arrogância dos boiardos já o desgostava, e aquele incidente apenas serviu para aumentar seu horror. Revoltado ou apenas assustado, o certo é que Ivan jamais esqueceria seu sofrimento sob a mão pesada e voraz daqueles nobres que, no entanto, lhe haviam jurado fidelidade.

Nos primeiros anos do século XVI, durante o reinado do Grão-Duque Vassili III, pai de Ivan, o grão-ducado

Pela natureza, o czar é como qualquer outro homem, mas em poder e posição social é como o Deus mais sublime.

Concílio da Igreja Moscovita, 1504

À esquerda: *Ivan IV, filho do Grão-Duque de Moscou, foi o primeiro governante russo a coroar-se czar, no ano de 1547. Ao estabelecer a monarquia absoluta, centralizada em Moscou, e ao reduzir o poder dos nobres, Ivan pôs fim à ordem política medieval na Rússia.*

NEW YORK PUBLIC LIBRARY COLLECTION

NOVOSTI PRESS AGENCY

O Grão-Duque Vassili III, pai de Ivan. Durante o reinado de Vassili, Moscou expandiu sua autoridade pelas regiões vizinhas e adotou o título de "terceira Roma" como o centro do cristianismo ortodoxo mundial.

de Moscou vivera um processo de mudança radical: de início, uma comunidade insignificante, um dos muitos principados independentes que compunham a Rússia medieval, Moscou se transformou na área de maior poder político da região. Com isso, o velho atributo da política de separação — comunidades autônomas, cada uma sob o poder de um senhor feudal — começou a agonizar. Em seu lugar iria surgir uma nova política, baseada na unificação, cuja autoridade emanava de Moscou.

Ao mesmo tempo que se firmava e se ampliava politicamente, Moscou também se transformaria numa importante herdeira religiosa: com a queda de Constantinopla (atual Istambul), a capital do Império Bizantino (ou Império Romano do Oriente), sob os turcos otomanos em

1453, Moscou se autoproclamou líder da ortodoxia, do cristianismo oriental, e também herdeira dos imperadores bizantinos. Fundada pelos gregos por volta de 660 a.C. com o nome de Bizâncio, a cidade foi transformada em capital do Império Romano do Oriente em 330 d.C. por Constantino, o Grande, que então lhe deu o nome de Constantinopla. Bela e poderosa, nessa época era considerada a "segunda Roma" — e seus governantes tinham sob sua responsabilidade conduzir e proteger os cristãos ortodoxos depois que Roma foi invadida pelos bárbaros, em 410 d.C. Durante o reinado de Vassili III, então, já muitos séculos depois, Moscou assumiu essa postura de liderança, como se fosse a "terceira Roma". Aquela que, de acordo com a literatura ortodoxa, representava o último estágio antes do dia do Juízo Final — segundo se acreditava — quando Cristo retornaria para julgar os homens.

A Igreja Apostólica (...) não está mais em Roma ou em Constantinopla, e sim na cidade abençoada de Moscou.

MONGE PHILOTHEUS
em carta a Vassili III

Os governantes moscovitas, membros da dinastia Rurik, chegaram assim a uma posição de prestígio político e religioso, que usavam como justificativa para a expansão territorial. Quando Vassili morreu, em 1533, o ducado praticamente quadruplicara sua área, apoderando-se de muitos territórios vizinhos, como Rostov, Tver (atualmente Kalinin), Riazan e Novgorod, que foram dominados pela força. Outras comunidades, porém, julgavam interessantes as vantagens da proteção moscovita e, querendo obter maior prestígio, simplesmente ofereceram-se para servir aos governantes de Moscou.

Em 1533, portanto, Vassili deixava como legado a Ivan, seu primogênito, o grande e poderoso Estado de Moscóvia. Mas como Ivan, nascido em 25 de agosto de 1530, era ainda uma criança, sua mãe Yelena Glinskaya assumiu a regência do ducado. Juntamente com um conselho de boiardos (a Duma) governaria Moscou até que Ivan tivesse idade para assumir o poder. Os outros membros de sua poderosa família, os Glinsky, agruparam-se em torno de Yelena, determinados a manter todo o poder nas próprias mãos. Como Yelena estava despreparada para exercer a autoridade, inicialmente ela buscou apoio em seu tio, o Príncipe Mikhail Glinsky; mas intrigas não faltavam nos bastidores do poder moscovita, e logo o tio Glinsky caiu em desgraça aos olhos da regente, que o mandou para a prisão, onde ele ficaria até morrer. Depois disso, a princesa deixou todos os assuntos de Estado nas mãos de seu amante, o príncipe Ivan Telepnev-Obolensky.

Sem a forte presença de Vassili, os boiardos, que haviam conservado a autonomia em suas próprias terras, começaram a disputar maior influência no poder moscovita, tramando a queda da família Glinsky. Depois de

cinco anos, as intrigas e tumultos culminaram com a morte da princesa Yelena, possivelmente envenenada, no dia 3 de abril de 1538. Conseqüentemente, Obolensky logo perdeu seus poderes, e os dois filhos de Yelena, Ivan e Yuri, tornaram-se, então, o foco das batalhas políticas.

Como Ivan ainda continuava jovem demais para assumir o poder, o governo de Moscou passou inteiramente para as mãos dos boiardos que, entre batalhas pessoais e familiares, deixariam que se deteriorasse a administração central instituída por Ivan III, o Grande, e solidificada por Vassili.

Entre os boiardos, duas grandes famílias, os Chuisky e os Bielsky, competiam pela supremacia. O poder oscilava de mão em mão, ameaçando mergulhar Moscou na

Um grupo de boiardos — a nobreza medieval russa — com o Kremlin ao fundo. Quando Vassili morreu, em 1533, deixando como herdeiro seu filho Ivan, de 3 anos de idade, os boiardos viram nesse momento a ocasião de reafirmar seu poder em Moscou.

THE BETTMANN ARCHIVE

anarquia: assassinatos, prisões e execuções começaram a fazer parte do cotidiano; instaurou-se a insegurança e, assim como o arcebispo Josef, muitos foram vítimas das lutas partidárias. Finalmente, depois de anos de violentas disputas, os Chuisky prevaleceram. No entanto, apenas preocupados em aumentar as próprias riquezas e o poder, exerceram um governo de fracassos e infelicidade, tanto para o ducado como, em particular, para Ivan.

Os Chuisky eram responsáveis pela educação e, ironicamente, pela segurança do jovem príncipe e seu irmão, mas na verdade as duas crianças se transformaram em joguetes dessa família de boiardos. Anos mais tarde, Ivan descreveu um dos incidentes envolvendo Andrei Chuisky, que havia sido regente: "Eu me lembro de como os boiardos, e particularmente o chefe deles, se comportou comigo e com meu irmão mais novo, Yuri; como eles nos mantiveram na miséria e nos privaram de alimento; como Chuisky forçou-me a vestir as roupas velhas de seu filho. Um dia Chuisky mandou me chamar para me repreender; ele estava sentado na cama de meu pai com os pés sobre os travesseiros, e me insultou, adotando para comigo, seu soberano, uma atitude tempestuosa".

Quando a ocasião exigia, entretanto, os Chuisky serviam-se de Ivan. Se recebiam a visita de um embaixador estrangeiro, vestiam o menino com todas as pompas de um grande príncipe e fingiam homenageá-lo. No cotidiano, porém, Ivan só sofria privações e perdas: quando completou 8 anos de idade, tiraram-lhe a ama e, três anos depois, os Chuisky afastaram dele o boiardo Fyodor Vorotsov, que se tornara seu amigo.

Ivan era uma criança retraída, séria e estudiosa. Lia avidamente tudo o que lhe caía nas mãos: interessava-se pela história universal e pela grega em particular; estudou a vida dos grandes governantes, como o rei Salomão e Alexandre, o Grande, leu a respeito dos imperadores de Constantinopla, dos sultões turcos, e dos khans da Horda de Ouro dos mongóis, que ainda governavam o sul e o leste da Rússia. Além disso, interessava-se profundamente pela história da religião russa e pela Bíblia, da qual decorou longas passagens.

À medida que crescia, também demonstrava sinais de crueldade e de um temperamento indomável, tendências que, na verdade, eram induzidas e incentivadas por seus educadores e conselheiros. Costumavam levar o garoto para testemunhar torturas e execuções ou encorajavam-no a jogar gatos e cachorros dos altos muros do Kremlin, o conjunto de palácios e igrejas em que residiam e de onde os dirigentes governavam Moscou. Depois, leva-

COLLECTION VIOLLET

Yelena Glinskaya e seu filho Ivan (no alto, à esquerda da ilustração) inspecionando as moedas recém-cunhadas. Durante o período em que tutelou Ivan e ocupou o posto de regente, Yelena confiava nos conselhos de seu amante, o príncipe Ivan Telepnev-Obolensky. Com a morte da mãe, em 1538, o jovem Ivan ficou à mercê dos Chuisky, os boiardos que ocupavam o poder.

Em meu nome eles oprimiram o povo e não houve ninguém que os impedisse.

IVAN, O TERRÍVEL
referindo-se
aos boiardos, em 1549

vam-no para inspecionar os restos esmagados no chão: Ivan cresceu observando imagens de dor e morte.

Quase dois anos após a invasão dos Chuisky a seu quarto, já no limite dos sofrimentos e humilhações que o governante Andrei Chuisky lhe infligia, Ivan decidiu testar o próprio poder. Então, ordenou a seus servos que prendessem Chuisky e o levassem até os canis: o boiardo foi preso, assassinado e seus restos mortais jogados no local em que se queimavam os corpos dos prisioneiros executados.

Logo o povo de Moscou e os nobres perceberam a índole e a força de Ivan. Certamente foi a partir dessa época que o jovem príncipe ficou conhecido como Ivan Groznyi, apelido derivado da palavra russa *groza*, que significa "trovão", embora atualmente seja mais conhecido por Ivan, o Terrível — um título inspirado no temor e no respeito.

Mesmo depois de se tornar efetivamente o soberano absoluto de Moscou após a morte de Andrei Chuisky, Ivan continuou buscando meios para que isso ficasse evidente a todos os seus súditos. Passava muito tempo estudando, especialmente as Sagradas Escrituras, e logo teve a idéia de se coroar czar à maneira dos imperadores romanos e bizantinos. Com tal decisão, iria demonstrar sobretudo aos boiardos que, sozinho, governaria Moscou; e, para enfatizar sua ligação com o Império Bizantino (sua avó havia sido uma princesa bizantina), Ivan adotou a águia de duas cabeças em seu brasão. Não havia dúvida, entretanto, de que ele também queria frisar sua superioridade na tradição russa: como descendente de Rurik, considerado o fundador de Rus, o primeiro Estado russo, Ivan usaria a coroa de Monomak, o símbolo dos legítimos governantes. Para aumentar ainda mais a credibilidade de sua coroação, o novo soberano procurou fazer com que ela fosse confirmada pelo patriarca de Constantinopla, o chefe oficial da Igreja Ortodoxa, à qual ele e a maioria de seus súditos pertenciam. Mas, embora Ivan tivesse enviado junto com o pedido uma série de presentes valiosos, não havia recebido nenhuma resposta até o momento em que oficialmente se coroou czar e monarca absoluto de toda a Rússia, em 16 de janeiro de 1547. Somente em 1561 — catorze anos depois — o patriarca iria enviar um documento afirmando: "Eu certifico por esta investidura que o poder do czar implica em soberania por direito divino e irrefutável, seja pelo povo ou pelas ordens monásticas".

Após a cerimônia naquele dia de inverno em 1547, Ivan, com 16 anos de idade, atravessou os portões do Kremlin, dirigindo-se até a Praça Vermelha, a principal de Moscou, para saudar seus súditos com um discurso.

SOVFOTO

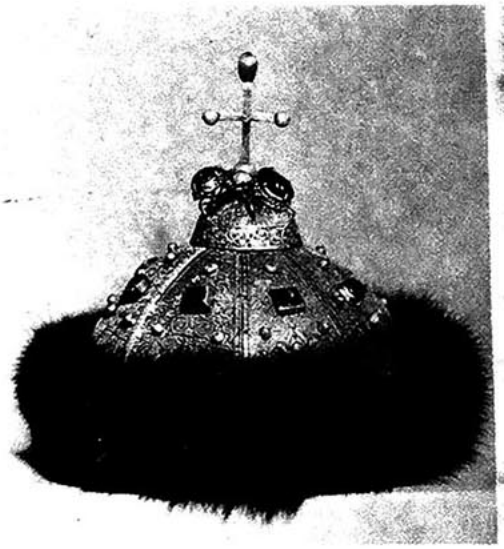
A águia de duas cabeças, usada por Ivan em seu brasão, era um símbolo bizantino que denotava o papel de Moscou como sucessora dos grandes impérios romano e bizantino.

Assim como outros discursos e escritos de Ivan, o da coroação foi introspectivo. Refletia seus sentimentos pessoais, porém suas palavras continham poderosas ameaças contra aqueles que não o obedecessem, o que era surpreendente, devido à pouca idade do czar. "Perdi meus pais muito cedo", ele disse. "Os boiardos não se preocuparam comigo, pois queriam ser eles mesmos os governantes. Em meu nome enviaram ofícios e se enriqueceram com injustiças e opressão ao povo (...). Vocês, boiardos, fizeram o que quiseram, tolos rebeldes e injustos juízes vocês foram! O que podem me responder hoje? Que lágrimas vocês derramaram pelos outros, quanto sangue vocês verteram? Não tenho culpa por todo esse sangue. Mas, quanto a vocês, um terrível julgamento dos Céus os aguarda."

A terra que o novo czar iria governar era habitada por camponeses empobrecidos, pelos boiardos sedentos de poder e cercada de inimigos. A oeste, os poderosos Estados católicos da Polônia e da Lituânia ameaçavam tomar o território russo; a leste, os guerreiros tártaros de Kazan também representavam uma séria ameaça; ao sul, os tártaros da Criméia, no mar Negro, e de Astrakan, no mar Cáspio, apoiados pelos turcos de Constantinopla, freqüentemente invadiam o território russo e atacavam Moscou.

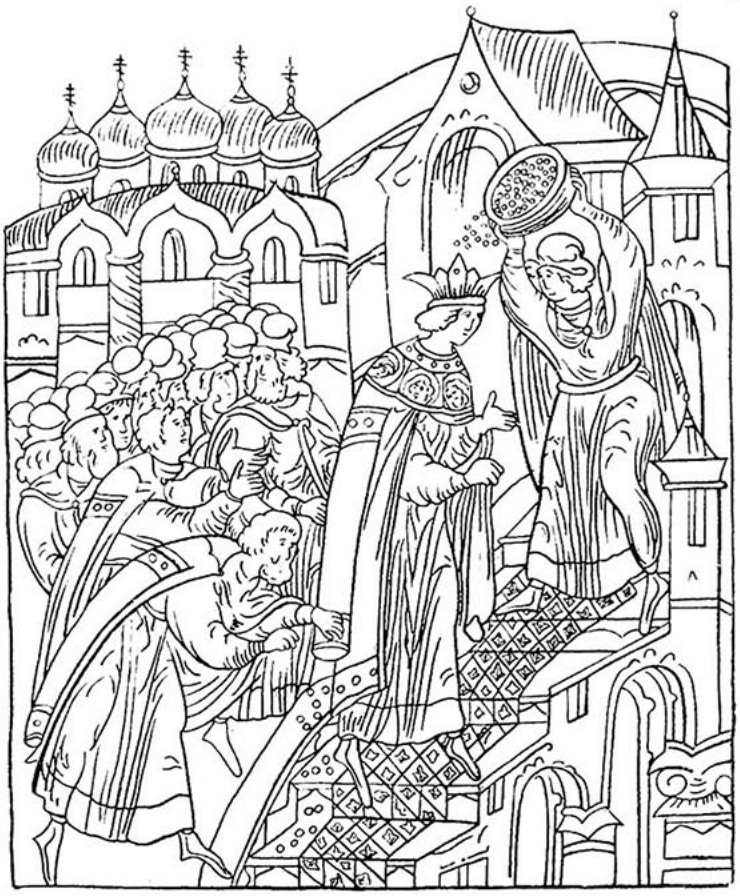
Não é difícil imaginar o terror que essas invasões tártaras devem ter provocado no povo russo. Por mais de dois séculos, a Rússia fora objeto de brutalidades e de leis terríveis ditadas pelo chefe tártaro da Horda Dourada, o cavaleiro mongol do leste e primeiro invasor da Rússia, no século XIII. Apenas em 1380, depois da Batalha de Kulikovo, quando o moscovita Dimitri Donskoi expulsou os tártaros, a Rússia conseguiu certa paz. Em 1480, o avô de Ivan III, o Grande, enfraquecera a força repressora da Horda Dourada sobre o território russo, mas os tártaros continuavam a dominar os poderosos reinados, denominados canatos, de Kazan, Astrakan e Criméia.

Segundo relatos da época, todo ano, durante a primavera, os tártaros marchavam rumo ao norte saindo de seus territórios na península da Criméia para invadir cidades e vilas russas, queimando e saqueando sem piedade. Um de seus objetivos era a captura de crianças para serem vendidas em mercados de escravos na Ásia, onde os russos, claros e de olhos azuis, valiam muito. Os pais eram mortos, enquanto as crianças eram enroladas em redes especiais que os tártaros penduravam em suas selas, e desse modo as carregavam por muitos quilômetros nas estepes de volta à Criméia. Lá, os tártaros reuniam-se num grande acampamento: as crianças que es-



NOVOSTI PRESS AGENCY

A coroa de Monomak — de ouro, incrustada de pedras preciosas e circundada com pele de zibelina — era o símbolo tradicional dos governantes russos. Ao usá-la, Ivan tencionava provar sua legitimidade como descendente de Rurik, o fundador da Rússia.



COLLECTION VIOLLET

A coroação de Ivan, em 1547. Com a adoção formal do título de czar (derivado de caesar, *usado inicialmente pelos imperadores romanos e depois também pelos bizantinos), Ivan reforçou sua intenção de concentrar o poder nas próprias mãos.*

tivessem doentes ou feridas eram chacinadas; o destino das outras, em geral milhares por ano, era a escravidão.

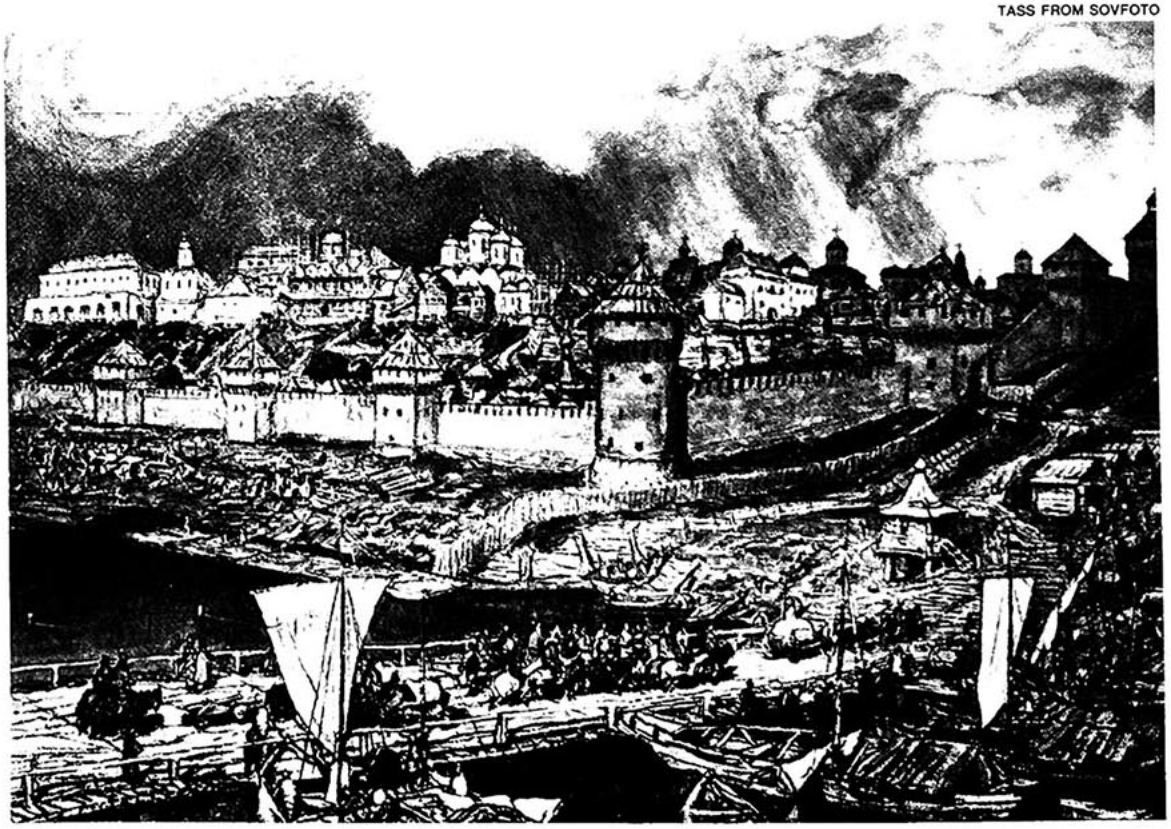
Além dos tártaros, havia problemas internos: nostálgicas da antiga autonomia que agora lhes era negada, muitas cidades, como Novgorod e Pskov, não aceitavam sem restrições a soberania de Moscou sobre a Rússia. Embora os antecessores de Ivan tenham sempre procurado subjugar as cidades rivais, a oposição a Moscou ainda persistia e, por vezes, se inflamava. Essas rivalidades se agravavam pelo comportamento da Igreja Ortodoxa russa: os líderes da Igreja de Moscou, Novgorod e Pskov, também poderosos fora do âmbito religioso, alimentavam rivalidades entre si e muitas vezes se opunham ao czar, o governante secular. Desse modo, o relacionamento entre o arcebispo de Moscou e o soberano também se abalava por questões puramente políticas. Ivan, em particular, parece ter sempre mantido relações ambíguas com os líderes religiosos, oscilando entre o respeito por

sua eventual oposição e uma irritação mal disfarçada quanto à interferência indesejável e, por vezes, excessiva da Igreja no exercício de seu governo.

Logo depois de coroado, Ivan decidiu que deveria se casar. O assunto não era simples, pois os costumes russos exigiam certas condições quando se tratava do casamento de um soberano. Como primeiro requisito, realizavam-se reuniões chamadas *smotriny*, com as candidatas vindas de todas as partes do país. Os padres julgavam a idoneidade moral e as virtudes cristãs de cada uma delas, enquanto os médicos e as mulheres da família do czar as examinavam para se certificar de que eram virgens. No caso de Ivan, a direção do *smotriny* coube à sua avó, a princesa Anna Glinskaya. Foi a cerimônia mais elaborada até então e atraiu tantas jovens que o *terem* (aposentos destinados exclusivamente às mulheres) foi consideravelmente ampliado. Para aumentar o esplendor da ocasião, o próprio Kremlin ganhou janelas de cristal fabricadas em Veneza: raro requinte numa Rússia em que ainda se vedavam as janelas com pedaços de couro. Além disso, uma grande igreja também foi construída no interior dos muros reais.

A velha Moscou no século XVI, com uma vista dos muros do Kremlin. Em junho de 1547 um incêndio devastou grande parte da cidade. Acusados de terem provocado o fogo com suas bruxarias, a avó e o tio de Ivan foram perseguidos pela multidão. Passado o tumulto, porém, o czar ordenou a execução de membros da família Chuisky, que haviam instigado o levante.

TASS FROM SOVFOTO



Ivan escolheu a bela Anastásia Romanova, jovem de uma renomada família a serviço do czar — nos séculos seguintes, os Romanov teriam importante papel na trajetória de ascensão e queda do czarismo na Rússia. O casamento real foi celebrado no dia 3 de fevereiro de 1547 e entre os recém-casados tudo corria bem: Anastásia sabia acalmar seu turbulento marido, enquanto Ivan parecia realmente apaixonado por ela.

Ao adotar o título de czar (...) [Ivan] estava adornando a monarquia russa com o título que anunciava ao mesmo tempo sua pretensão de liderança sobre todos os cristãos e de supremacia política "do universo".

MELVIN C. WREN
historiador norte-americano

Mas outros problemas continuaram a persegui-lo. Quatro meses após seu casamento, um grande incêndio quase destruiu Moscou, causando grandes estragos em alguns setores do Kremlin, como a grande torre construída por Ivan I. O incêndio havia começado no Arbat, uma área de Moscou que concentrava muitas lojas e tavernas. Ivan e sua família retiraram-se às pressas para um lugar vizinho e seguro, a Colina do Pardal, de onde puderam ver, impotentes, o rápido progresso do fogo. Muitos morreram e outros só escaparam por pouco, como o arcebispo Makary, um dos mais poderosos líderes religiosos da Rússia, que ficou preso em sua casa, nos limites internos do Kremlin, e só conseguiu se salvar por meio de uma corda que lhe permitiu escalar os muros e dali chegar às margens do rio Moscou.

Uma mudança na direção do vento evitou um desastre maior. Tragédias como esta não eram raras em Moscou, onde quase todas as construções, exceto algumas igrejas e palácios, eram feitas de madeira. Se o fogo começasse numa delas, ficava difícil evitar que se espalhasse. Pesquisadores calcularam que os incêndios destruíam a cidade a cada vinte anos. Naquela ocasião, porém, a família de Andrei Chuisky — o boiardo que Ivan havia mandado atirar aos cães — fez circular rumores de que o incêndio fora causado pela prática de magia negra na família Glinsky: uma afirmação que se espalhou de modo tão destruidor e veloz como o próprio fogo entre a população moscovita, composta em sua maioria por camponeses supersticiosos. E que, obviamente, levavam esse assunto muito a sério.

Logo, uma multidão gritava diante dos portões do Kremlin, pedindo a morte do tio de Ivan, Yuri Glinsky, e de sua avó Anna Glinskaya, culpando-os pela terrível calamidade que assolara a cidade. Não demorou muito para que o povo arrombasse os portões e invadisse o palácio, concentrando sua fúria no príncipe Yuri. Ele tentou escapar refugiando-se na Catedral de Uspensky, mas seus perseguidores o alcançaram e o assassinaram ali mesmo, nos degraus do altar; então começaram a saquear as catedrais e as residências do Kremlin. Quando a turba ameaçadora chegou à casa de Ivan, na Colina do Pardal, o jovem czar ordenou a seus soldados que pu-

nissem os desordeiros. Alguns dos responsáveis pelo incitamento à revolta foram enforcados na Praça Vermelha: Ivan assistiu pessoalmente às execuções. Depois, ao deixar a cidade, entregou uma grande soma em dinheiro ao arcebispo Felipe de Moscou, com ordens para que anualmente, na data de aniversário daqueles infelizes acontecimentos, o clérigo rezasse pelas almas dos homens enforcados.

COLLECTION VIOLLET

Um arcebispo da Igreja Ortodoxa russa. Ivan oscilava entre o temor e o ódio ao clero. Embora fosse capaz de extremo barbarismo, Ivan sempre conservou um profundo senso religioso que muitas vezes o levou a fazer doações à Igreja, para que se rezasse pelas pessoas a quem havia assassinado.

Die Bildnus Iwan
Wasilowitz des jetzig
Der Gottfürchtig in Christo ist
Hrren Wasilowitz
Der Moscowiter vnd grausa
Der jetzt mit gewaltiger Hand
Aus Nowgarden jnnen Hauptsitz
darinnen er Herr gesessen hat
Mehr Polocko vnterthon
Der anderhalb König in Polnda.
Gedruckt zu Nürnberg durch
Hans Weygel Formschneyder.

2

"Tempos felizes"

A despeito da violência de episódios como as execuções na Praça Vermelha, os primeiros anos do reinado de Ivan foram prósperos e representaram um tempo de renovação para o povo russo. Por isso, seu governo tem sido sempre dividido em dois grandes momentos: os anos bons, imediatamente após Ivan ter-se tornado czar, e o tempo terrível que se seguiu depois da morte da czarina Anastásia, em 1560.

Embora muitas execuções e atos perversos tenham ocorrido exatamente na primeira fase de seu mandato, sob muitos aspectos o jovem Ivan não era mais severo que outros governantes de seu tempo: o rei Henrique VIII, da Inglaterra, Catarina de Médici, da França, o sultão Suleiman, o Magnífico, do Império Otomano, e o rei Felipe II, da Espanha.

Logo nos primeiros anos como czar, Ivan reuniu à sua volta um grupo de sábios conselheiros, compondo uma espécie de gabinete que ficou conhecido sob o nome de Conselho Eleito. Os mais destacados nesse conselho eram o padre Silvester, o capelão da corte, que fora apresentado a Ivan pela czarina Anastásia, e Aleksei Adashev, que havia começado a servir o czar como escrivão da corte. O arcebispo Makary também participava do conselho. Padre Silvester, por sua vez, era o mais conhecido de todos eles por ser o autor de um conjunto de leis éticas e religiosas, chamado *Domostroy*, que seria ensinado às famílias russas durante muitos anos. As relações de Ivan com o conselho desenvolviam-se num tom extremamente cordial: ele não só acatava suas sugestões como também sabia aceitar críticas.

Sob certo aspecto, a primeira fase do governo de Ivan foi uma antecipação do que seria o de Pedro, o Grande, czar entre 1682 e 1725 e responsável pela ocidentalização da Rússia. Em 1547, por exemplo, Ivan despachou um emissário à Europa ocidental a fim de recrutar professores e especialistas em comércio, para que os russos pudessem aperfeiçoar suas técnicas. No entanto, pou-

Penso que nenhum príncipe da cristandade é mais temido do que ele e tampouco mais amado.

ANTHONY JENKINSON
visitante inglês falando sobre Ivan, em 1557

À esquerda: *Apesar da terrível reputação de Ivan, seus primeiros anos como czar foram marcados por uma política governamental de muita prudência, por tentativas de modernização e pela atitude de boa vontade e respeito a seus conselheiros.*

NEW YORK PUBLIC LIBRARY PICTURE COLLECTION

THE BETTMANN ARCHIVE

Vistos no contexto mundial do século XVI, os primeiros anos do reinado de Ivan foram tão severos e cruéis como os de muitos outros governantes contemporâneos seus, como Suleiman, o Magnífico (visto de perfil, à direita), sultão do Império Otomano, atual Turquia.

Sempre foi assim (...) se um homem estivesse sob julgamento, não seria inocente se a outra parte tivesse mais dinheiro.

Um visitante germânico à corte de Ivan, comentando sobre a época de corrupção do governo moscovita

cos responderam a seu chamado, pois a maioria deles foi impedida pelos governantes europeus, especialmente pelo germânico e pelo lituano, interessados em manter a Rússia tão atrasada quanto possível, particularmente nos assuntos militares.

O conselho propôs a Ivan que procurasse estabelecer certa ordem nos assuntos internos do país. Para isso, o czar convocou, em 1550, uma grande assembléia de delegados, uma *Zemsky Sobor* (Assembléia da Nação), no Kremlin. Havia um precedente para tal reunião: seu avô, Ivan, o Grande, havia feito uma convocação semelhante no final do século XV, antes da invasão de Novgorod. Mas a Zemsky Sobor de 1550 seria muito mais aberta, incluindo não apenas boiardos e altos membros do clero, como também representantes de todas as classes. O próprio Ivan se pronunciou com eloqüência durante a assembléia exortando os delegados a trabalhar para que se desvendassem e se eliminassem os abusos que grassavam pelo país. Depois disso, chegaram tantas petições de súditos ao Kremlin que Ivan pediu a Adashev para organizar um gabinete especial, a fim de estudá-las. Essas petições re-

feriam-se a assassinatos, roubos e outros crimes que os governantes locais não conseguiram impedir ou sequer punir; mas havia também denúncias contra os próprios governadores. Em resposta, Ivan demitiu alguns deles, autorizando depois a eleição de corpos judiciais que substituiriam os governadores nas decisões sobre crimes cometidos em suas regiões; detinham também o poder de condenar à morte e executar os criminosos. Ivan ainda contava com a supervisão de Adashev na indicação desses juízes, de modo que as escolhas tendiam a ser cada vez mais confiáveis. Além disso, o czar ordenou a revisão do *Sudebnik*, o código de leis introduzido por seu avô, pois, apesar das reformas, os assuntos políticos e judiciais ainda continuavam completamente retrógrados. As punições geralmente eram cruéis e até sádicas; costumava-se, inclusive, torturar os acusados para extrair deles as confissões. O cnute, um chicote de couro com sólidos nós de ferro, era usado contra aqueles que cometiam crimes menores, mas algumas vezes chicoteava-se o prisioneiro até a morte.

Durante dois anos, o czar empenhou-se profundamente em melhorar a vida para os russos de nível médio e em estabelecer ordem na economia do Estado. Além dis-

Em seu desejo de contato com o Ocidente, Ivan antecipou Pedro, o Grande, que no início do século XVIII iria "ocidentalizar" a Rússia, importando artesãos e peritos militares da Europa. Pedro, de roupa escura na ilustração, consulta-se com especialistas em náutica holandeses.

THE BETTMANN AGENCY

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
RUI BARBOSA
CARLOS BARBOSA — RS

NOVOSTI PRESS AGENCY

so, a partir de 1551, dedicou atenção especial à reforma da Igreja Ortodoxa, que ficou conhecida como *Stoglav*, ou Conselho dos Cem Cônegos. Quando as decisões do conselho foram finalmente lidas ao público na Catedral de Uspensk, no Kremlin, importantes mudanças estavam em andamento: a Igreja, por exemplo, perdia o direito de adquirir novas terras sem a permissão especial do czar; estabeleceu-se também um foro para se resolver disputas administrativas no seio da Igreja, e cada cem padres elegiam um mais velho que teria como tarefa convocar reuniões especiais quando fosse necessário tomar alguma decisão. Ivan pretendia que esses anciãos exercessem também autoridade sobre assuntos que extrapolassem a esfera eclesiástica, e, nesse sentido, afirmou durante um discurso: "De agora em diante, será costume em nosso país e tradição para as nossas crianças consultar os mais velhos sempre que for preciso".

Em 1552, Ivan ampliou ainda mais o poder das populações locais, permitindo-lhes maior controle sobre a coleta de taxas: quando uma comunidade prometia uma soma fixa em taxas para o tesouro do Estado, adquiria o direito de eleger seus próprios oficiais para recolher o dinheiro, em vez de se sujeitar a um governante indicado. Além disso, nas áreas em que os governantes ainda conservavam o poder, as pessoas podiam eleger assessores para inspecionar suas ações. E esses assessores, por sua vez, tinham poder para impugnar os coletores oficiais, se isso fosse necessário.

Todas as medidas adotadas por Ivan para melhorar as condições de vida de seus súditos, dando-lhes também o direito de julgar a arbitrariedade das decisões judiciais e clericais, refletiam, na verdade, o desejo do czar em restringir cada vez mais o poder dos boiardos e concentrar toda a autoridade nas próprias mãos: por trás de seus objetivos sociais e imediatos, delineavam-se, então, os objetivos políticos, mais a longo prazo.

Os assuntos militares também o absorveram nessa época. Como responsável pela formação de novas companhias de artilheiros e de engenheiros, Ivan criou as primeiras unidades permanentes de infantaria do Exército Russo armadas com mosqueteiros. Essas unidades, que compunham o núcleo militar, chamavam-se *Streltsy* — literalmente, arqueiros — e no futuro desempenhariam papel capital na história do país. Embora servissem como soldados em tempo integral, esses militares também recebiam o privilégio de substanciosas concessões comerciais. Na época de sua formação, porém, apenas representavam um aspecto do projeto de Ivan para modernizar Moscou.

Todas essas medidas foram profundamente significa-

Estou determinado a libertar Moscou da ferocidade desses inimigos externos com os quais não se pode ter paz ou descanso.

IVAN, O TERRÍVEL
referindo-se aos tártaros

Ivan III, conhecido como Ivan, o Grande, foi o avô de Ivan, o Terrível. Com ele se edificou a autoridade moscovita no século XV, assentando-se os fundamentos do Império Russo.

tivas, mas uma delas, concretizada pela Zemsky Sobor pouco antes de seu fechamento foi, sem dúvida, a mais importante: a partir dela, o czar decidiu voltar sua atenção e suas forças para livrar de possíveis ameaças de ataques, por parte dos tártaros de Kazan, o setor do território russo que ainda vivia sob esse estigma.

Havia muitas razões para que a Zemsky Sobor insistisse num ataque a Kazan. Politicamente, era preciso libertar o território russo do controle tártaro; religiosamente, essa presença também incomodava, já que os tártaros eram muçulmanos, e os russos, cristãos. Mas havia sobretudo razões econômicas.

Desde tempos imemoriais, o comércio na Rússia se desenvolvera na região dos grandes rios — o Dnieper, o Moscou, o Don, e, é claro, o Volga. Mas como Kazan situava-se estrategicamente às margens do Volga, a presença dos tártaros impedia o acesso comercial dos russos à Ásia, a fonte de produtos de grande interesse, como especiarias e seda. No lado oposto do território russo, a situação não era melhor, pois o comércio com a Europa estava praticamente bloqueado pela presença hostil da Polônia e da Lituânia.

Desse modo, Ivan aguardava uma oportunidade para atacar Kazan. A grande cidade do Volga havia sido fundada em 1400 como capital de um grupo dissidente da

Uma vista de Novgorod no século XVII. Ivan, o Grande, havia convocado uma assembléia geral no final do século XV para aprovar sua invasão à cidade. Usando o precedente de seu avô paterno, Ivan, o Terrível, convocou uma Zemsky Sobor (Assembléia da Nação) em 1550, que, entre outras questões, discutiu a guerra contra os tártaros, descendentes dos cavaleiros mongóis que haviam invadido a Rússia no século XIII e dominavam a cidade de Kazan, nas margens do Volga.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY PICTURE COLLECTION

COLLECTION VIOLLET

Eles apareciam de súbito, atacando com ferocidade, assassinando, saqueando, raptando e, então, desapareciam rapidamente.

IAN GREY
historiador inglês
falando sobre os tártaros

O tenente-coronel dos Streltsy, *o corpo de mosqueteiros criado por Ivan, que modernizou o Exército russo. O empenho de Ivan para aprimorar suas forças armadas incluía a criação de companhias de artilharia e engenharia.*

Horda Dourada, e era governada por um khan que, embora nominalmente devesse fidelidade ao Grande Khan (que vivia na Ásia), desfrutava de ampla autonomia. Em meados do século XVI, durante as disputas para a escolha do governador de Kazan, o cargo foi ocupado por um candidato que mantinha relações amistosas com Moscou. Mas a população de Kazan logo o substituiu por um príncipe de Astrakan, um canato no mar Cáspio. Em meio à convulsão provocada por essa mudança, Ivan convocou uma expedição de 100 000 homens e 150 canhões e, depois de muitas solenidades religiosas, partiu para o Volga em junho de 1552. Esse enorme cortejo levava consigo uma das relíquias mais sagradas de Moscou, a

NEW YORK PUBLIC LIBRARY PICTURE COLLECTION

O príncipe Dimitri Donskoi de Moscou reza junto a seus soldados antes da batalha decisiva de Kulikovo, contra os tártaros, em 1380. A vitória de Dimitri foi a primeira grande conquista russa em relação aos tártaros da Horda Dourada.

cruz de Dimitri Donskoi: o príncipe Dimitri vencera os tártaros na Batalha de Kulikovo, quase dois séculos antes.

Os grandes perigos que aguardavam a expedição logo se revelaram: sentindo que a partida de Ivan deixava aberto o caminho para Moscou, os tártaros da Criméia imediatamente se deslocaram em direção ao norte, chegando à cidade de Tula, uma posição avançada ao sul de Moscou. Diante dessa ameaça, Ivan quase desistiu de sua marcha para Kazan, mas após um pequeno cerco de apoio à cidade de Tula, que resistia firmemente aos invasores, os tártaros da Criméia retrocederam para o sul.

Quando os soldados de Ivan alcançaram o Volga, novo contratempo os afligiu, pois seus barcos e suprimentos naufragaram durante a travessia do rio caudaloso. Mas o inimigo estava ali, bem perto: os soldados russos podiam avistar as paredes do forte onde 30 000 homens os aguardavam. Depois de exigir inutilmente a rendição dos tártaros, os russos cortaram o suprimento de água do forte. Mesmo assim, os tártaros resistiram por várias semanas, até que, em outubro de 1552, Ivan ordenou que se tomasse Kazan de assalto. Para facilitar a entrada na cidade, os soldados russos cavaram um túnel sob os mu-

ros do forte e colocaram ali grande quantidade de pólvora. Após a explosão, grande parte dos muros estava por terra e os russos invadiram a cidade. Entre os primeiros que atravessaram os limites inimigos, estava o príncipe Andrei Kurbsky, de 24 anos, que se revelaria um verdadeiro herói naqueles dias de batalha sangrenta. No futuro, porém, se transformaria em inimigo implacável do czar.

Os tártaros lutaram até o fim. Mesmo o grande mestre muçulmano, o líder religioso, morreu tentando defender a mesquita da cidade. Num gesto final, tão desesperado quanto inútil, 6 000 tártaros queimaram o que restava à sua volta e se engajaram sem armadura na luta corpo a corpo com os soldados russos. Suas desvantagens eram esmagadoras, e a maioria dos tártaros sucumbiu. Kazan foi arrasada pelo fogo.

Ivan regressou triunfante para Moscou. Durante a grandiosa cerimônia de ação de graças realizada no Kremlin, o czar e o arcebispo Felipe proferiram discursos inflamados e patrióticos, e foram construídas três torres comemorativas da vitória. Além disso, Ivan ordenou a construção de uma nova catedral fora dos muros do Kremlin, ainda mais espetacular que qualquer outra existente na cidade: terminada em 1560, com suas magníficas cúpulas arredondadas e coloridas, com seus labirintos interiores de capelas interligadas, a Catedral de

THE BETTMANN ARCHIVE

A magnífica Catedral de São Basílio, construída em homenagem à vitória de Ivan na guerra de Kazan e à conseqüente liberação do rio Volga ao comércio dos russos.

São Basílio, o Bem-Aventurado, se erigiu como uma obra-prima da arquitetura russa.

Foi construída em madeira, e ostenta uma série de torres octogonais, oito cúpulas com diferentes desenhos e onze campanários. Seu exuberante colorido externo, que inclui o azul, o dourado, o vermelho, o verde, e o púrpura, contrasta vivamente com o interior sombrio e misterioso, de portas baixas, passagens estreitas, tortuosas, e escadas íngremes. Entre as lendas a respeito de sua origem, inclui-se uma história tão incerta como espantosa: conta-se que, terminada a catedral, o czar ordenou que cegassem o arquiteto para que ele nunca pudesse duplicar a obra-prima da Praça Vermelha.

Embora o reino de Ivan não estivesse livre de perigos, a tomada de Kazan havia aberto caminho para que os russos chegassem aos montes Urais e ao vasto território siberiano. Para consolidar a segurança de Moscou além de suas fronteiras do leste, em 1556 o príncipe Kurbsky conduziu um exército até onde o Volga (o sagrado Ityl para os tártaros) deságua no mar Cáspio. Seu objetivo: atacar Astrakan, também sob o domínio dos tártaros, e obter o controle da desembocadura do grande rio. Com a rápida vitória de seu exército ainda em 1556, Ivan anexou Astrakan a seus domínios: a partir daquele momento, Moscou estaria em contato direto com o coração da Ásia.

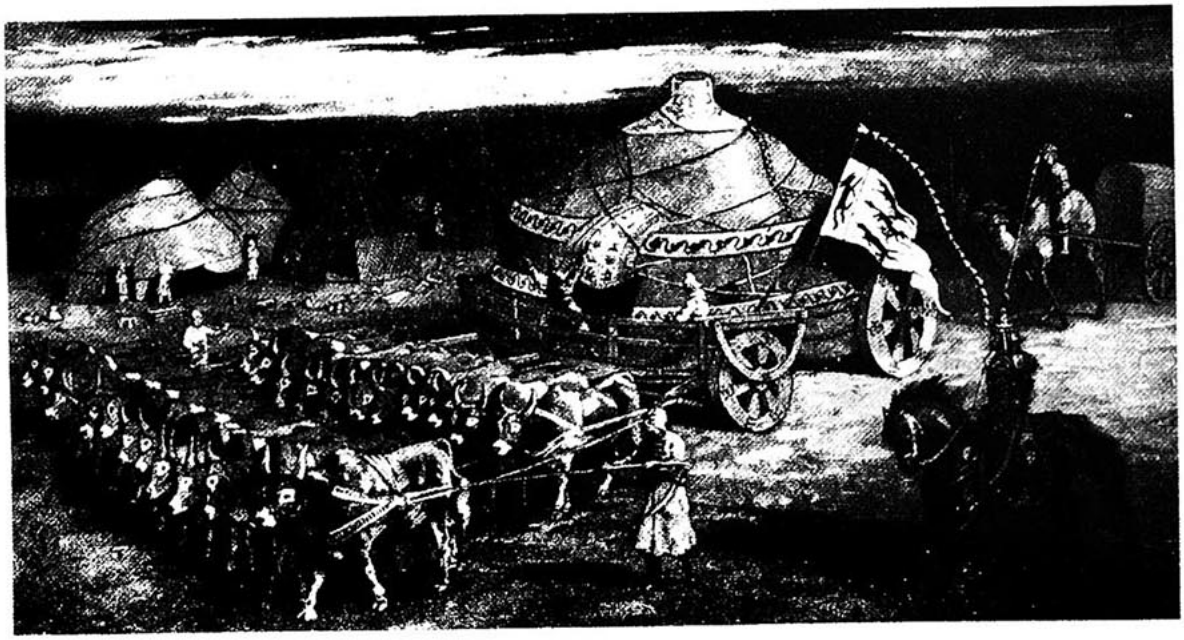
Depois de dominar Kazan e Astrakan, os russos voltaram-se finalmente para os tártaros da Criméia, que

O país rezava para que Ivan libertasse os seus súditos.

IAN GREY
historiador britânico

Tártaros em marcha. Após a queda de Kazan, os tártaros de Astrakan e da Criméia continuaram a invadir o território russo. Os russos tomaram Astrakan em 1556, mas sua campanha para derrotar os tártaros da Criméia fracassou devido à interferência dos poderosos turcos otomanos, com quem os tártaros mantinham relações amistosas.

THE BETTMANN ARCHIVE



ameaçavam o sul da Rússia. Kurbsky e Adashev apoiaram a idéia de guerrear contra os tártaros da Criméia; Ivan se opunha, temendo sobretudo o perigo de desgaste das tropas na longa marcha pela aridez das estepes ucranianas. O czar também se preocupava com a hostilidade dos poderosos turcos otomanos, logo ao sul da Criméia. Mas acabou consentindo.

Kurbsky partiu com suas tropas rumo ao sul; no meio do caminho, interceptaram e atacaram uma expedição tártara de escravos que voltava para a Criméia após um saque à Rússia. Horrorizados, os soldados do czar libertaram 25 000 prisioneiros, e entre eles 15 000 crianças.

Kurbsky, então, atacou o estreito istmo de Perekop, o ponto de ligação entre a Criméia e o continente. A força do ataque russo foi tamanha que os tártaros se retraíram por mais de sessenta quilômetros para o interior de seus domínios. Esse embate, porém, alarmou o sultão turco, a quem os tártaros eram fiéis, e ele rapidamente enviou tropas em seu auxílio. Temendo ficar isolado, Kurbsky interrompeu suas operações, não sem antes atear fogo a Simferopol, a capital tártara. De volta a Moscou, suas tropas levaram um presente para o czar — um magnífico bloco de mármore de Carrara rosa, que seria transformado em coluna para o Grande Palácio no Kremlin.

Paralelamente às atividades políticas e militares, a vida russa nessa primeira fase do reinado de Ivan caracterizou-se por relativa prosperidade e por certo progresso. As cidades se modernizaram; em Moscou, por exemplo, o czar patrocinou os primeiros trabalhos de impressão, que ficaram sob a responsabilidade do arcebispo Makary. A prensa foi instalada em 1553, e depois de um começo hesitante, produziu o primeiro livro impresso na língua russa — *A Vida de São Basílio.* Mas aquilo era progresso demais, e o povo viu na máquina uma fonte de feitiçaria estrangeira. A incipiente editora foi então fechada e só reabriria em 1568. Outros empreendimentos tiveram mais sorte, como a criação de enormes salinas, perto dos montes Urais e pertencentes aos Stroganov, uma família que iria desempenhar importante papel no desenvolvimento da Sibéria.

Os eventos militares no leste e no sul representavam grandes conquistas para Moscou; no entanto, logo o czar já estava sonhando com a abertura de novos caminhos, e desta vez para o oeste — para a Inglaterra em particular. Ivan queria estabelecer um porto no mar Báltico ligando Moscou à Europa. Era, porém, um desejo que provocaria conflitos entre o czar e seus poderosos vizinhos ocidentais, e o lançaria na mais longa e dolorosa guerra de seu reinado.

SOVFOTO

Em 1553, Ivan indicou Ivan Fyodorov (foto acima) para fabricar a primeira máquina impressora russa. Esse esforço precoce de ocidentalização, porém, durou pouco, pois os moscovitas consideravam a imprensa como fonte de feitiçaria estrangeira.

3

Europa: uma tentação

Ivan sabia muito bem das vantagens técnicas e culturais que Moscou poderia obter por meio do intenso comércio e do contato com as nações do oeste europeu. Exatamente por esse motivo, os vizinhos de Moscou, em particular a Polônia, a Suécia e os Estados liderados pelas cruzadas germânicas ao longo do mar Báltico, tinham interesse em evitar que Ivan fizesse tais contatos.

Algum tempo mais tarde, o rei polonês escrevia à rainha Elisabete I, da Inglaterra, pedindo-lhe que não negociasse com os russos. "Este comércio", reclamava o governante polonês, "permitido aos moscovitas, inimigos de toda a liberdade existente sob os céus, diariamente cresce com mais força pelo aumento (...) não só de produtos como também de armas que até agora eram desconhecidas para eles, e de artífices; (...) de modo que ele ficará mais forte para acabar com os outros."

A Inglaterra não acatou o conselho polonês. Em maio de 1553, uma companhia inglesa de "aventureiros mercadores" lançou-se à exploração de terras estrangeiras, sob a liderança de um famoso explorador, Sebastian Cabot, com três navios comandados por Sir Hugh Willoughby e Richard Chancellor, para procurar uma nova rota para a China e para a Índia, navegando em direção norte até o oceano Ártico. O mau tempo atrasou a viagem e o inverno os apanhou antes que a pequena esquadra tivesse tido a oportunidade de se preparar para isso. Dois navios ficaram presos no gelo, e Willoughby e todos os seus homens sucumbiram. Chancellor, entretanto, teve mais sorte, e em setembro conseguiu chegar ao mar Branco e navegar até a desembocadura do rio Dvina, onde encontrou alguns pescadores. Por seu intermédio soube que estava na Rússia.

Chancellor trazia uma carta do rei Eduardo VI, da Inglaterra, oferecendo amizade a quaisquer governantes que os exploradores pudessem encontrar, e a entregou pessoalmente a Ivan, em Moscou. O czar o recebeu com efusão, e nos anos seguintes os ingleses tiveram a garan-

Ele deposita todo o seu prazer em duas coisas: a primeira, em servir a Deus (...) e a segunda, em prender e conquistar seus inimigos.

Um viajante britânico, a respeito de Ivan, em 1550

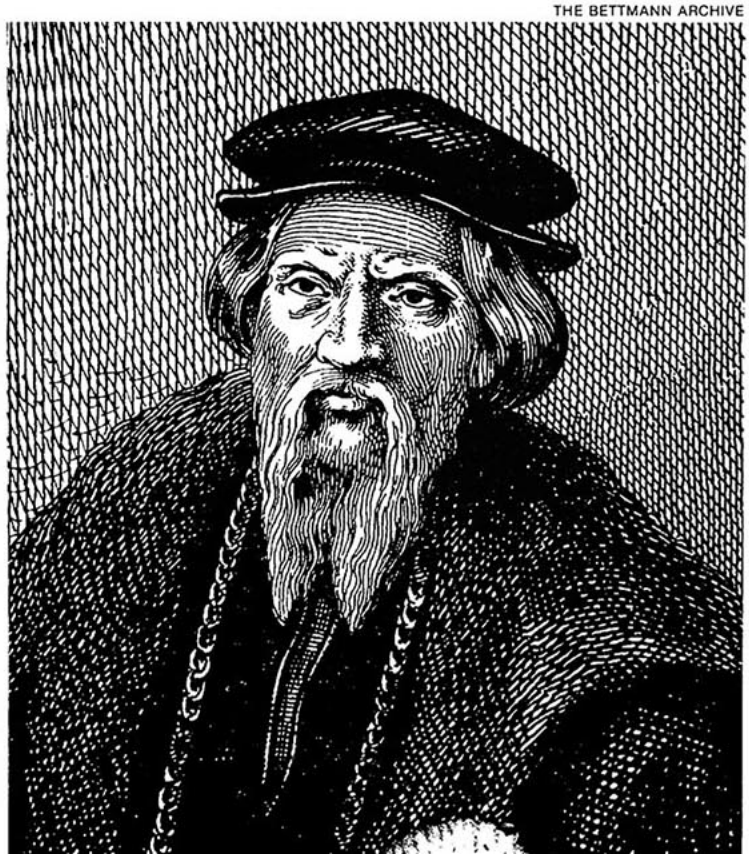
À esquerda: *O desejo de Ivan em consolidar uma aliança com o Ocidente, particularmente com a Inglaterra, cresceu apesar das reações contrárias manifestadas pela Polônia, pela Lituânia e Suécia. Esses países vizinhos procuravam manter a Rússia isolada e fraca, por isso se opunham aos planos de Ivan em obter um porto no mar Báltico.*

tia de concessões comerciais lucrativas na Rússia, incluindo o direito de transportar mercadorias sem pagar taxas e o de contratar e demitir seus trabalhadores. Também contavam com proteção contra possíveis apreensões de seus produtos e confisco por débito. Ivan ainda indicou uma corte especial de oficiais com jurisdição sobre os ingleses, e ele mesmo dava atenção particular a qualquer acontecimento que envolvesse transgressões inglesas às leis russas. Os mercadores de Moscou, por sua vez, mostravam-se claramente insatisfeitos com os privilégios concedidos à Inglaterra, e logo Ivan percebeu que estava pagando caro demais para ter acesso aos produtos ingleses. Seus objetivos,porém, não eram tão imediatistas como pareciam, porque, na verdade, ele pretendia contar com a Inglaterra como aliada se no futuro tivesse que enfrentar a Polônia e a Lituânia.

Para concretizar a nova aliança, um embaixador russo, Ossip Nepea, foi enviado a Londres, onde chegou em fevereiro de 1557, depois de uma viagem atribulada, pois o navio que o transportava naufragou na costa da Escócia; o enviado russo só se salvou devido ao empenho do comandante Richard Chancellor. Em Londres, Ossip Nepea foi regiamente recebido, e quando voltou para casa levava consigo alguns ingleses especialistas em mineração e medicina.

Entretanto, o que Ivan realmente queria da Inglater-

THE BETTMANN ARCHIVE



O explorador inglês, Sebastian Cabot, famoso por suas expedições ao Novo Mundo, organizou uma viagem a fim de procurar novas rotas para a China e a Índia, em 1553. Em vez disso, o inglês aportou na Rússia, onde obteve concessões lucrativas de Ivan, irritando os poderosos mercadores de Moscou.

THE BETTMANN ARCHIVE

A diplomacia russa iniciou-se com os esforços de Ivan em estabelecer comércio e laços políticos com o Ocidente. Na ilustração acima, os embaixadores russos na corte de Maximiliano II, imperador do Sacro Império Romano Germânico.

ra eram armas modernas e instrução de como usá-las. Enquanto isso, Londres ouvia os protestos de Estados como Suécia (particularmente interessada no domínio do mar Báltico) e Veneza, a respeito desse possível comércio de armas. No entanto, o atrativo de um inesgotável fornecimento aos novos e ricos amigos, além da possibilidade de usar as terras russas como rota para chegar ao comércio asiático, era tentador demais para que os britânicos se recusassem a atender alguns pedidos de munição.

Em 1553 o czar adoeceu gravemente e uma vez mais ele teve que enfrentar as antigas divisões de seu reino. Ivan pediu, então, aos boiardos o juramento de que, se ele morresse, iriam reconhecer seu filho Dimitrij — ainda um bebê — como o novo czar. No entanto, nem todos concordaram com esse plano de sucessão, em particular o primo de Ivan, o príncipe Vladimir de Staritsa, que pretendia o trono para si. Por trás da oposição dos boiardos estava o mesmo antigo temor de que, se Ivan morresse, e enquanto seu filho ainda fosse pequeno, a família Romanov — como responsável pela criação de Dimitri — adquirisse muito mais poder. Até mesmo o padre Silvester e Adashev, os conselheiros mais próximos do czar, posicionaram-se ao lado do príncipe. Mas Ivan insistiu, e os boiardos amedrontados, assim como o primo Vladimir, acabaram por ceder. Só que um pouco tarde, pois, com sua oposição, os boiardos resvalaram numa cicatriz mal curada, despertando a desconfiança que marcara profundamente a juventude de Ivan e levando-o a suspeitar de deslealdade. Tal incidente teria violentas repercussões no futuro.

Mas, por enquanto, Ivan se recuperava de sua doença e logo retomaria seus interesses em busca de um acesso mais direto e mais amplo à Europa. Agindo assim, na verdade ele apenas prosseguia na esteira política de Ivan, o Grande, e de Vassili III, que haviam procurado ampliar o território moscovita na margem leste do Báltico. E, co-

mo eles, enfrentou os mesmos obstáculos. Em 1558, depois de alguns debates a respeito da prudência ou não de primeiramente expulsar os tártaros da Criméia, Ivan lançou nova ofensiva em direção ao Báltico. De tempos em tempos, ao longo do século anterior, Moscou havia forçado sua passagem por essas praias, mas em todas as vezes os russos foram obrigados a retroceder. As últimas tentativas datavam do reinado de Vassili, e Ivan pretendia recuperar o território perdido.

O alvo imediato foi a Livônia, que incluía partes do que é hoje a República Soviética da Estônia e da Letônia, na época governada pela Ordem Livoniana, uma das ordens germânicas dos Cruzados, que no século XIII estabelecera uma colônia ao longo da costa do Báltico. Esse território tornou-se parte do importante sistema de comércio, controlado pelos germânicos, entre o leste e o oeste europeus. Na época de Ivan, o território livoniano estava dividido entre os membros da ordem germânica, que se mostravam incapazes de fazer frente à agressão moscovita. Ou talvez esperassem auxílio do Sacro Império Romano Germânico — um Estado com estruturas falidas, inicialmente composto pelos principados germânicos da Áustria e da Boêmia —, a que a Livônia pertencia. Mas o império estava muito mais preocupado com a ameaça otomana do sul do que com a disputa moscovita no Báltico.

SOVFOTO

A cidade livoniana de Dorpat (hoje Tartu) foi fundada pelo príncipe Yaroslav, o Sábio, governante de Kiev no século XI. A origem russa da cidade e sua importância estratégica e comercial fizeram dela um objetivo atraente na invasão de Ivan à região báltica, em 1558.

Ivan sabia que a Livônia era um Estado fraco, e embora seus conselheiros mais próximos, o padre Silvester e Adashev, tenham se manifestado contra aquela campanha, o czar levou-a em frente o mais rápido possível. A estocada inicial de Ivan em 1558 teve êxito: suas tropas rapidamente conquistaram as importantes cidades de Neuhaus, Narva e Dorpat. O sucesso em Dorpat, ou Yuriev, como era conhecida na Rússia, foi especialmente gratificante. Essa cidade, atualmente chamada Tartu, já era considerada russa desde sua fundação, cinco séculos antes, pelo príncipe Yaroslav, o Sábio, de Kiev. Em Narva, os navios mercantes que caíram em mãos russas logo foram convertidos em unidades de guerra, compondo a primeira frota russa importante no Báltico, embora fossem conduzidos por estrangeiros.

O sucesso das forças moscovitas resultou na debandada da Ordem Livoniana em 1561, mas também despertou a hostilidade da Suécia, da Polônia e da Lituânia, que ambicionavam o controle da região leste do Báltico.

Ao perceber que suas forças não seriam suficientes para enfrentar as de Ivan, o grão-mestre dos Cavaleiros Livônios, Gotthard Kettler, estabeleceu um acordo com a Polônia, segundo o qual teria a posse de um ducado em troca de seus serviços a Sigismundo Augusto, rei da

Polônia e grão-duque da Lituânia. Percebendo as vantagens de se unirem para enfrentar a agressão moscovita, a Polônia e a Lituânia lançaram uma ofensiva combinada contra Ivan, em 1563. No entanto, parece que a sorte estava do lado russo: seus regimentos conseguiram ocupar a cidade de Polotsk no rio Dvina, abrindo-lhes caminho para a grande cidade de Riga. Os poloneses venceram batalhas menores, e, embora tenham procurado negociar a paz, a guerra no oeste se arrastaria por muitos anos.

No entanto, desde 1560, uma tragédia havia colocado a vida particular de Ivan acima de qualquer disputa política, econômica ou militar e, mais que isso, seria a causa de sua dramática mudança. Nesse ano morreu Anastásia, a esposa que ele tanto amava. Juntos haviam sido felizes e juntos viveram momentos de dor e desespero: quando Ivan ficou gravemente doente e precisou de todas as forças para arrancar promessas dos relutantes boiardos e conselheiros para assegurar o trono a seu filho, ela estava lá; e juntos sofreram a dor de uma perda irreparável quando o pequeno Dimitri morreu, em 1553, durante uma viagem de peregrinação às grandes cidades e lugares santos da Rússia. No ano seguinte, o nascimento do czaréviche Ivan lhes renovou a alegria; em 1558, Anastásia deu à luz outro filho, Fyodor, mas a criança nasceu doente.

No outono de 1559, Ivan e Anastásia viajaram para o mosteiro de Mozhaisk, onde a czarina adoeceu. Os médicos, incapazes de diagnosticar ou tratar de seu mal, apenas o viam recrudescer. Algum tempo depois, quando os soberanos já estavam de volta a Moscou, novo incêndio irrompeu no Arbat, ameaçando mais uma vez a cidade. Desesperado, Ivan levou Anastásia para Kolomenskoye, logo adiante de Moscou. Ela, porém, nunca mais iria se recuperar, e morreu no dia 7 de agosto. Segundo o registro daqueles que presenciaram sua dor, Ivan chorava incontrolavelmente, e durante o funeral seus auxiliares tiveram que ampará-lo para que não desfalecesse.

Ivan convenceu-se de que Anastásia havia sido envenenada pelos boiardos, invejosos da influência da família Romanov. As circunstâncias que cercaram a morte da czarina deram origem a numerosas lendas, nenhuma delas comprovada. Uma das versões menciona uma violenta briga entre Anastásia, em seu leito de enferma, com Adashev, a respeito de favores pedidos à sua família. Teria sido uma discussão longa e áspera; algumas horas depois Anastásia morreu. Verdade ou não, o fato é que Ivan começou a amaldiçoar Adashev, chamando-o de assassino e desejando que todos os demônios se apossas-

Se vocês não beijarem a cruz em fidelidade a meu filho Dimitri, isso significa que já encontraram outro soberano.

IVAN, O TERRÍVEL
falando aos boiardos

THE BETTMANN ARCHIVE

Sigismundo Augusto, rei da Polônia e Grão-Duque da Lituânia. O rei polonês incorporou o território da Livônia quando seu governante, um cavaleiro germânico de cruzadas, viu-se sem condições para enfrentar sozinho as forças russas.

Após a morte de Anastásia a história de Ivan é uma tragédia absoluta (...) seu caráter parece ter mudado da noite para o dia.

ROBERT PAYNE e
NIKITA ROMANOFF
historiadores

sem do velho amigo. Acendeu centenas de velas em memória de sua esposa, mergulhando numa desolação irremediável. Quando, enfim, começou a reagir, procurou afastar de si tudo o que lembrasse o passado, e até mesmo enviou seus dois filhos para morar em outro palácio.

Um dia, porém, inesperadamente, Ivan aventou a hipótese de se casar com uma princesa polonesa: a idéia de unir as famílias reais da Polônia e de Moscou era politicamente atraente. Mas, como suas propostas não encontraram eco entre os poloneses, ele procurou aliar-se ao vulnerável sul, casando-se com a filha de um príncipe do Cáucaso. A jovem era muçulmana, mas antes do casamento converteu-se ao cristianismo e adotou o nome cristão de Maria Temriukovna. Ainda que esse casamento fosse movido por interesses políticos, muitos acreditavam que o czar estava recuperado da morte de Anastásia. Só não compreendiam — e se assustavam — com seu extremo descontrole emocional.

Foi, então, que irrompeu a turbulência. Ivan começou a brigar com todos aqueles que haviam sido seus amigos e que o apoiaram no passado. Estava com 30 anos de idade, há mais de treze no poder, e durante todo esse tempo Anastásia fora uma das poucas pessoas capazes de lidar com as constantes oscilações de seu humor, ora calmo ora violento.

Além das alterações pessoais, Ivan começou a se desentender com seus conselheiros nos assuntos de Estado, sobretudo com Adashev e Silvester, que compactuavam com a facção de boiardos contrária à guerra da Li-

vônia. Silvester, em particular, propunha que se adiasse a campanha livoniana até que os tártaros da Criméia tivessem sido dominados. Os tártaros, por sua vez, continuavam a representar mais que uma ameaça, pois seus saques anuais à Russia durante a primavera arrebatavam sempre maior número de prisioneiros e escravos; além disso, a cada vez avançavam mais e mais em direção a Moscou. Só numa coisa Silvester e Ivan estavam de acordo, pois ambos viam a conquista dos tártaros muçulmanos quase como uma missão sagrada, uma tarefa religiosa.

Os boiardos se opunham à guerra de Ivan contra a Livônia por razões práticas: não queriam consumir seu dinheiro nem a vida de seus filhos e servos numa causa em que mal acreditavam e da qual tinham pouca compreensão. E, mesmo que não tivessem outro motivo, eles simplesmente não gostavam dos estrangeiros e das novas idéias tão bem aceitas pelo czar; por essa razão não queriam parte na distante abertura de uma porta para o Ocidente através do Báltico.

Só que Ivan havia mudado muito e não parecia disposto a tolerar oposições. Ele estava cansado, afirmava, que lhe dissessem como devia dormir ou se vestir. Dizia ainda que não pretendia ouvir nada de seus oponentes e que só queria ser ouvido. "Se me oponho", ele escreveu, "gritam que minha alma está perdida." Ivan estava particularmente enfurecido com o que considerou "a traição de Adashev". No entanto, disse, havia tirado Adashev — que nascera pobre — de um monte de estrume e colocara-o entre os nobres à sua volta, esperando que ele lhe fosse fiel. "Que honras e riquezas não depositei sobre ele — e não somente sobre ele, mas sobre sua família? E que fidelidade eu tive em troca?"

Assim, porque discordavam de uma guerra imprudente e desnecessária, porque interferiam na política real, Silvester e Adashev seriam as primeiras vítimas da cólera de Ivan. Neles o czar iria extravasar uma fúria cuja intensidade aumentava na mesma proporção que a morte de Anastásia se perdia no tempo. Silvester foi enviado ao mosteiro de Solovetsky, numa ilha do mar Branco, no extremo norte do país, onde ficou pelo resto de sua vida. Adashev, que fora indicado para chefiar tropas na Livônia, foi retirado do comando e preso em Dorpat. Iria definhar na prisão durante dois meses antes de morrer, talvez assassinado por ordem de Ivan.

Não havia mais governo do Conselho Eleito. Em tudo e em todos os que o rodeavam, Ivan via deslealdade e ameaças. Temia que os boiardos estivessem tramando contra ele e apoiando algum pretenso sucessor. Voltou-se contra os membros do conselho assim como se volta-

SOVFOTO

A Virgem de Vladimir, *ícone do século XII. Ivan e sua esposa, Anastásia, costumavam fazer peregrinações por mosteiros russos e lugares sagrados. Em 1559, num mosteiro em Mozhaisk, Anastásia contraiu uma misteriosa doença que a mataria no ano seguinte.*

Você recompensou com o mal a minha bondade e com o ódio implacável o meu amor. Meu sangue, transbordado como água em seu benefício, clama contra você ao Senhor.

PRÍNCIPE ANDREI KURBSKY
em carta a Ivan IV

ra contra os próprios amigos e parentes, mandando executar todo aquele que o criticava. Durante a guerra livoniana, alguns boiardos foram flagrados tentando fugir para a Lituânia, e, depois que Ivan deu início a suas execuções, muitos outros também deixariam Moscou, temerosos das suspeitas do czar. Isto apenas aumentou a paranóia de Ivan, que ordenou a execução de qualquer um sob suspeita de que pretendesse fugir do país e passar para o lado inimigo, ou de que tramasse contra ele.

Como para confirmar seus piores temores, Ivan descobriu que um dos boiardos fugitivos era o príncipe Andrei Kurbsky. Antigamente um dos mais próximos auxiliares do czar, Kurbsky acabara desertando para a Lituânia a fim de evitar o mesmo destino cruel que atingia seus companheiros boiardos em Moscou. Se antes fora o responsável pelas forças russas na ainda não resolvida guerra da Livônia, agora devotava sua fidelidade à Polônia, de onde escreveu uma série de cartas a Ivan, que, juntamente com as respostas do czar, compõem uma das mais longas e insólitas correspondências da História: a troca de cartas começou em 1564 e se estendeu durante os quinze anos seguintes.

Kurbsky tramou ativamente com os inimigos de Moscou a queda do czar, e Ivan certamente o teria executado se tivesse conseguido agarrá-lo. Eram dois homens fortes se defrontando, ambos inteligentes e ambiciosos em suas causas. Nas cartas, relembravam-se mutuamente as boas relações do passado, procurando com isso modificar a atitude um do outro. Mas a importância histórica dessa correspondência reside, sobretudo, no enfoque do conflito central da Rússia no século XVI — a constituição do novo absolutismo em Moscou. Kurbsky, o representante do velho sistema boiardo de governo, basicamente acusava o czar de abuso de poder e do mau tratamento que dispensava à nobreza. Em resposta, Ivan escarneceu de seu inimigo, apresentando-lhe o espectro do Estado desfalecido sob as leis de descentralização ditadas pelos boiardos que, incapazes de concordar em qualquer assunto, apenas brigavam entre si por mais poder, reduzindo o território à anarquia. E isto o czar testemunhara desde criança.

Kurbsky, o herói de Kazan e da Criméia, queixou-se de que seu longo e vitorioso serviço ao czar só lhe havia trazido problemas: "Obtive gloriosas conquistas para aumentar seu reinado. E isso, não em um ano, nem em dois — mas por muitos anos trabalhei duramente com muito suor e paciência. (...) E, além disso, fui ferido por bandos de bárbaros em diversas batalhas e todo meu corpo ainda está marcado por esses ferimentos. Mas para você, o czar, isso tudo não é nada; ao contrário, você nos

Ivan (no centro) recebe um emissário do príncipe Andrei Kurbsky. Arrasado pela perda de Anastásia, em 1560, Ivan repentinamente se voltou contra seus conselheiros e passou a perseguir os que discordavam dele. Muitos boiardos fugiram e, entre eles, o príncipe Kurbsky. Da Lituânia, onde se refugiou, Kurbsky iniciou uma longa correspondência com o czar, criticando-o e tentando modificar seu comportamento agressivo.

NOVOSTI PRESS AGENCY

Faremos tudo para acompanhá-lo no pedido ao soberano e choraremos na frente dele.

Texto dos boiardos ao arcebispo Afanásio, sobre a abdicação de Ivan, em 1564

mostra sua fúria intolerável, sua implacável vingança, e, sobretudo, piras crematórias".

Ivan, por sua vez, acusava Kurbsky e os outros boiardos de tentar usurpar o poder do czar e de ameaçá-lo como a uma criança. Disse ainda que sabia perdoar, mas que os boiardos continuavam a agir erroneamente. Escreveu: "Para vocês, boiardos, e para todo o seu povo, concedi perdão por seus crimes e ordenei que tudo o que os recordasse fosse destruído, e então nós começamos a tratá-los como homens bons. Mas vocês não abandonaram o antigo hábito da astúcia e voltaram a usar dos mesmos meios e continuaram a nos servir com conselhos simulados e falsidade, e fizeram tudo com malícia e não com inocência".

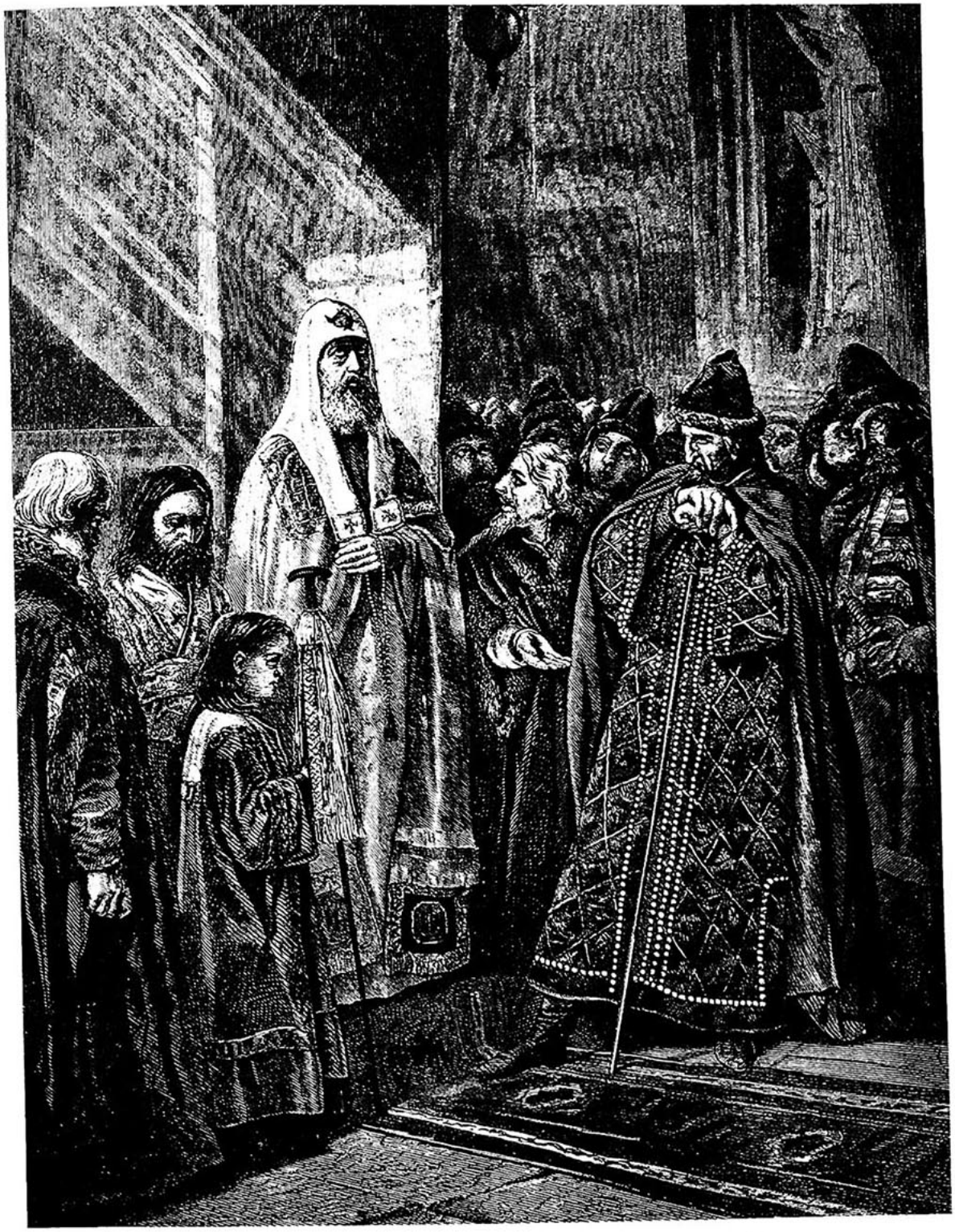
As querelas entre Ivan e os boiardos pioraram depois da morte do arcebispo Makary, em 1563. Após a morte de Anastásia, o velho sacerdote fora praticamente a única pessoa capaz de suportar Ivan durante suas terríveis tempestades. Agora ele também se fora. E, além dele, o irmão de Ivan, Yuri, havia morrido um pouco antes, nesse mesmo ano. Ivan parecia cada vez mais melancólico, até que, numa manhã de dezembro, em 1564, Moscou acordou com a notícia de um acontecimento inesperado.

Durante a noite, no Kremlin, alguns trenós foram trazidos até a frente do palácio do czar, e os servos transportaram para eles todo o tesouro de Ivan — ouro, estátuas e livros. Agasalhados para enfrentar o frio intenso, Ivan, seus dois filhos e sua nova esposa entraram nos trenós e partiram. Ninguém sabia para onde fora o czar. Quando a notícia de seu desaparecimento se espalhou, o pânico ameaçou tomar conta da cidade: as lojas foram fechadas e parecia que Moscou estava de luto. As pessoas se reuniam na Praça Vermelha em busca de informações a respeito do paradeiro do czar, o centro de toda a autoridade, a pedra fundamental de suas vidas, o sustentáculo de sua sociedade.

Pouco tempo depois, entretanto, chegaram a Moscou duas cartas de Ivan endereçadas ao novo arcebispo Afanásio: vinham de Alexandrova Sloboda, uma pequena cidade ao norte de Moscou, onde a família real tinha uma residência. Nelas, Ivan anunciava que pretendia abandonar o trono. Na primeira carta, denunciava as ações dos boiardos e do clero, acusando-os com amargura de tentarem usurpar sua autoridade e estabelecer o caos em Moscou. Na segunda carta, em contrapartida, Ivan assegurou ao povo que não nutria nenhum rancor contra ele, considerando-se um amigo que procurava salvá-lo da opressão dos boiardos e do clero. Ivan pediu que esta carta fosse lida em voz alta na Praça Vermelha.

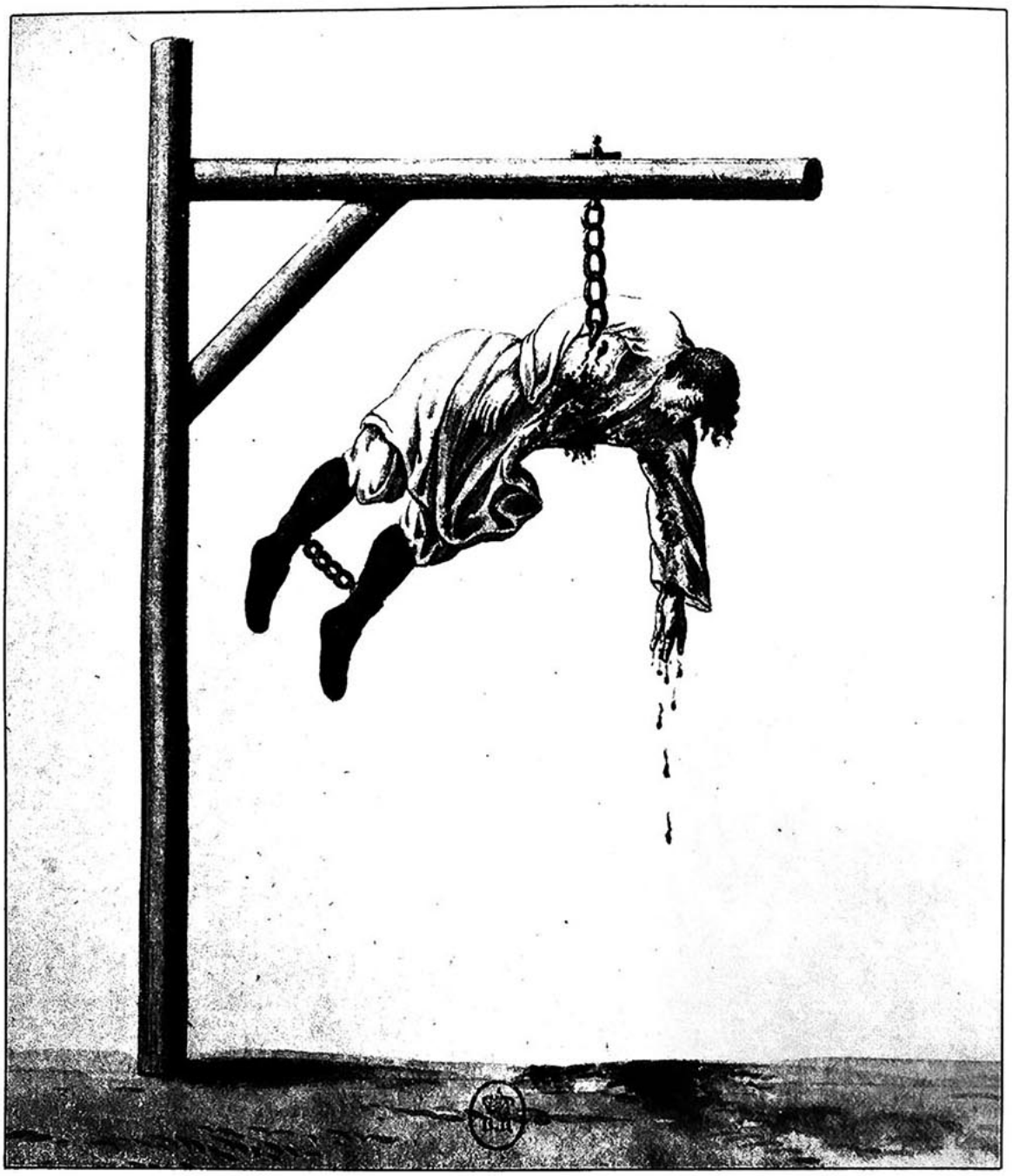
O povo, assustado com a decisão do czar, procurou os

Em dezembro de 1564, Ivan secretamente mudou-se do Kremlin para Alexandrova Sloboda, e ameaçou abdicar. Os moscovitas, assustados e inseguros, enviaram uma numerosa delegação de boiardos, clérigos e pessoas do povo para dissuadir Ivan (à direita) de seu intento.



THE BETTMANN ARCHIVE

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
RUI BARBOSA
CARLOS BARBOSA — RS



COLLECTION VIOLLET

principais representantes do clero para que tentassem dissuadi-lo de seus propósitos. E queriam também que seus intermediários lhe assegurassem que todos estavam dispostos a se levantar contra seus inimigos e destruí-los. Pediram ainda aos bispos para que implorassem pela volta do czar, e lhe garantissem que poderia governar como achasse melhor. Munido de tais argumentos, o arcebispo Afanásio partiu para Alexandrova Sloboda à frente de um cortejo solene: monges e padres carregando velas acesas, cruzes e imagens; depois vinham os boiardos com seus chapéus altos e metidos em suntuosos caftans, os longos e pesados robes usados pela nobreza; finalmente, centenas de cidadãos comuns os seguiam.

A multidão encontrou o czar num gabinete cheio de estátuas trazidas do Kremlin, e lhe implorou que voltasse para Moscou e seu trono. Ivan prometeu pensar a respeito das propostas e dar uma resposta em poucos dias.

De fato, a resposta chegou: era severa e exigente.

Ivan concordava em voltar ao Kremlin, mas primeiro o clero e os boiardos teriam de assinar uma garantia de que lhe dariam poder absoluto. O czar insistia em seu desejo de perseguir e combater seus inimigos do modo que lhe fosse mais conveniente e livre de perguntas e críticas. Além disso, Ivan exigiu ainda uma compensação financeira pelas despesas que sua mudança para Alexandrova Sloboda havia acarretado.

Embora descontentes, os boiardos e os bispos concordaram. Ivan, então, retornou, mas sua fúria se acentuara. Rapidamente ordenou a execução dos boiardos que se haviam oposto a ele no passado; outros foram presos e torturados. Um embaixador britânico na corte de Ivan descreveu o modo como se decidia quem era culpado ou inocente: "O único método de investigação empregado é a tortura; por aqui as pessoas se sentem obrigadas a forçar os culpados a confessar seus crimes, pois sem as confissões a condenação é impossível. O acusado é açoitado com um feixe de chicotes ou com tiras de couro da grossura de um dedo, que penetram na carne; ou ainda é empalado e queimado. Ou, então, pode ter uma costela quebrada e arrancada com uma tenaz em brasa ou a carne sob as unhas cortada".

"A pena de morte" — o embaixador prossegue sua descrição — "tem a seguintes formas: enforcamento, decapitação, espancamento, empalamento, afogamento, congelamento sob o gelo, cremação. Se a sentença de congelamento for pronunciada durante o verão, os condenados ficam sob custódia, aguardando até o inverno para serem executados."

Ainda pior que a turbulência dos anos anteriores, um tempo terrível se anunciava.

Quanto mais Ivan oprimia o país, mais era odiado, e quanto mais se sentia odiado, com mais determinação procurava descobrir aqueles que estavam conspirando contra sua vida.

HENRI TROYANT
historiador francês

Depois de voltar a Moscou, vindo de Alexandrova Sloboda, Ivan iniciou uma campanha cruel e vingativa de torturas e execuções contra seus inimigos reais e imaginários. O empalamento num gancho era uma forma comum de tortura na época de Ivan.

4

Senhor da vida e da morte

Quando regressou a Moscou, vindo de Alexandrova Sloboda, naquele fevereiro de 1565, Ivan assustou a todos: mergulhado numa grave crise emocional, povoada de pesadelos e alucinações, era um homem obcecado e cheio de manias. Sua figura impressionava: de olhar vago e sombrio, quase não tinha mais barba nem cabelo. E via inimigos por todos os lados. Irascível e violento, chegara a um limite em que o antigo ceticismo e a desconfiança haviam se transformado em paranóia aguda.

Pouco após sua chegada, criou uma subdivisão especial no Estado, denominada *opritchnina*, nome derivado da palavra *opritch*, que significa "à parte". A opritchnina, sob sua autoridade direta, tornou-se, então, um Estado dentro do Estado já existente, a *zemshchina*, que se traduz por "terra". A *zemshchina* — equivalente ao feudo europeu — era governada pelo boiardo seu proprietário.

Com a criação da opritchnina, Ivan deu início a uma ampla reorganização da sociedade russa movida sobretudo pelo rancor. O peso de sua mão se abateu logo de início sobre os amigos e associados do príncipe Kurbsky; depois, Ivan começou a executar impiedosamente todos aqueles que se opusessem à sua vontade. Famílias inteiras de boiardos, incluindo os servos e camponeses a seu serviço, foram destruídas, e suas terras confiscadas e entregues aos *opritchniki*, os oficiais diretamente ligados ao czar. O confisco, porém, não era feito aleatoriamente: enquanto os Estados dos boiardos próximos a Moscou passavam para as mãos de nobres menos importantes, vindos de províncias longínquas, os boiardos de Moscou eram enviados para as regiões selvagens do extremo norte, onde praticamente iniciavam o processo de colonização. Os novos proprietários dessas áreas do Estado de Moscou, sob a aprovação do czar, tratavam seus trabalhadores com extrema brutalidade, e estima-se que tenham arrecadado deles um imposto dez vezes maior que os antigos boiardos lhes impunham.

Juro ser leal ao czar
e ao seu império, ao jovem
czaréviche e à czarina
e revelar tudo o que
souber ou que vier a saber
sobre qualquer
empreendimento dirigido
contra eles por qualquer
pessoa ou grupo.
Juro negar minha família
e esquecer meu pai
e minha mãe.

Do juramento dos *opritchniki*

À esquerda: *Entre as medidas radicais que tomou para assegurar seu poder absoluto, Ivan criou a* opritchnina, *um Estado à parte, subordinado apenas à sua autoridade direta.*

NOVOSTI PRESS AGENCY

Quem pode me ensinar,
quem pode me punir,
quem pode me iluminar
o espírito se, como eu,
fede igual a um cão?
Sempre fui propenso
à bebedeira,
à libertinagem,
a assassinos, a ladrões,
a rapinas, ao ódio
e ao mal.

IVAN, O TERRÍVEL

Como Estado "à parte", a opritchnina tinha uma corte especial, com ministros e polícia próprios. Finalmente, Ivan recrutou 6 000 opritchniki, muitos deles bandidos, criminosos e monges itinerantes, e, com essa equipe infernal, deixou o Kremlin, transferindo-se para um Arbat previamente delimitado no interior de Moscou. Também levou consigo seus filhos Ivan e Fyodor. Mais tarde, porém, Ivan e sua corte iriam se transferir para Alexandrova Sloboda, e ali permaneceram durante os dez anos seguintes, até aproximadamente 1575.

Onde quer que fosse, o czar era protegido pelos inseparáveis opritchniki, cujo nome acabaria por se transformar no símbolo da crueldade mais bestial. Vestiam-se de preto, montavam apenas cavalos negros e negros também eram seus arreios. Numa pequena flâmula que traziam presa à sela, estavam bordadas uma vassoura e a cabeça de um cachorro, simbolizando a missão de farejar e varrer a corrupção. Mas, em vez de lutar contra a corrupção, os opritchniki incorporaram-se a ela: saqueavam lojas e residências, queimavam os estabelecimentos daqueles que não se sujeitavam às suas extorções; e raptavam as mulheres, que assassinavam sob qualquer pretexto ou mesmo sem pretexto, movidos apenas pelo prazer de matar.

Ivan se comportava do mesmo modo que eles. O interesse religioso que marcara sua juventude agora se refletia em atitudes bizarras: vestia-se de monge e proferia exaltados discursos para seus oficiais, a respeito da necessidade da boa conduta moral. Logo depois, porém, lançavam-se todos em grandes orgias. Houve um tempo em que Ivan participava pessoalmente, ao lado de sua polícia sádica, da tortura de prisioneiros, para em seguida correr ao convento mais próximo, onde batia com a cabeça no chão, implorando o perdão divino.

Entre os opritchniki mais importantes estavam Malyuta Skùratov, Afánasio Viazemsky, Aleksei Basmanov e Fyodor, o filho do czar. Skuratov fora um dos boiardos mais insignificantes dos arredores de Moscou e um dos primeiros a ser beneficiado pela redistribuição dos Estados durante os primeiros dias da opritchnina. Logo se transformou num dos favoritos de Ivan e, segundo relatos, participou dos piores episódios desse período sangrento, inclusive do assassinato do arcebispo Felipe.

Em 1566, quando Afanásio adoeceu e se retirou para um mosteiro, Felipe se tornou arcebispo. Ninguém sabe por que Ivan teria encorajado sua eleição, pois Felipe era dono de escrupulosa honestidade, um homem calado e profundamente religioso que já havia condenado o próprio czar em público, culpando-o dos excessos da opritchnina.

O novo arcebispo, sempre que podia, intervinha em favor dos prisioneiros, e implorava ao czar para suspender as torturas e os assassinatos que levavam os súditos a uma existência de constante pavor. Dois temperamentos resolutos, o czar e seu arcebispo viviam no limite da discórdia.

Certa vez, em 1568, quando Ivan e sua guarda pessoal — todos eles vestidos de preto — entraram na Catedral de Uspensky, no Kremlin, Felipe se recusou a abençoá-lo como era de costume, dizendo friamente: "Não reconheço o czar ortodoxo nessas vestimentas estranhas, assim como não o reconheço nas ações de seu governo. (...) Tema o julgamento de Deus, ó czar!" Furiosamente, Ivan deixou a igreja com passos rápidos.

Oito meses depois, ordenou que Felipe fosse deposto

Até mesmo nos reinados mais pagãos a lei e a justiça prevalecem, e há compaixão para com o povo, mas aqui não há.

ARCEBISPO FELIPE
para Ivan, em 1568

COLLECTION VIOLLET

Quando Ivan suspeitou que os líderes de Novgorod o trairiam, lançou-se com seus opritchniki *ao massacre dos habitantes da cidade, em 1570. Um relato da época estima que o número de mortos chegou a 60 000.*

e preso, substituindo-o pelo arcebispo Kiril, sempre silenciado pelo temor à opritchnina. Quanto a Felipe, seu destino estava selado: não o mataram imediatamente, mas iriam mortificá-lo durante um ano e, segundo uma versão, seria brutalmente torturado para depois o enforcarem na própria cela; outra versão afirma que, após o longo período de torturas, Felipe teria sido assassinado por estrangulamento ou por asfixia pelo próprio Skuratov, em dezembro de 1569.

Ninguém pode descrever ou relatar todas as coisas diabólicas que fiz durante minha juventude.

IVAN, O TERRÍVEL

No inverno de 1567/68, a polícia de Ivan interceptou cartas de autoridades polonesas propondo a diversos boiardos importantes que fugissem para a Lituânia. Imediatamente o czar, com a ajuda de Skuratov, ordenou que esses boiardos, suas esposas, seus filhos, criados e até mesmo seus animais fossem eliminados: o verão chegaria sangrento, marcado por assassinatos, raptos e saques. Conta-se que Ivan ordenava que lhe reservassem a mulher mais bonita, enquanto as outras eram distribuídas entre seus subordinados, para que fizessem delas o que bem entendessem.

Os horrores desse período não tinham limites. Conta-se, ainda, que uma das diversões preferidas do czar era o ataque repentino a um Estado e, depois de vencida a resistência dos habitantes, ele ordenava que seus homens reunissem todas as mulheres, que as deixassem nuas e as colocassem numa área fechada, junto com galinhas. Então, as infelizes recebiam ordem de perseguir e tentar pegar as galinhas, enquanto os soldados de Ivan praticavam pontaria com seus arcos, usando as mulheres como alvos. Quanto aos homens, eram todos aprisionados e trancafiados numa construção qualquer, que os opritchniki cercavam com explosivos, fazendo ir tudo pelos ares. Comenta-se que Ivan sentia prazer em observar os corpos voando.

Uma das maiores atrocidades de Ivan aconteceu em 1570, na antiga cidade de Novgorod, a aproximadamente 480 quilômetros a noroeste de Moscou. Tudo se iniciou do mesmo modo de sempre, com Ivan suspeitando da traição dos habitantes da cidade. Ele supôs que as autoridades de Novgorod estariam negociando com os poloneses para sabotarem sua guerra em pleno andamento na Livônia. Então, planejou seu ataque.

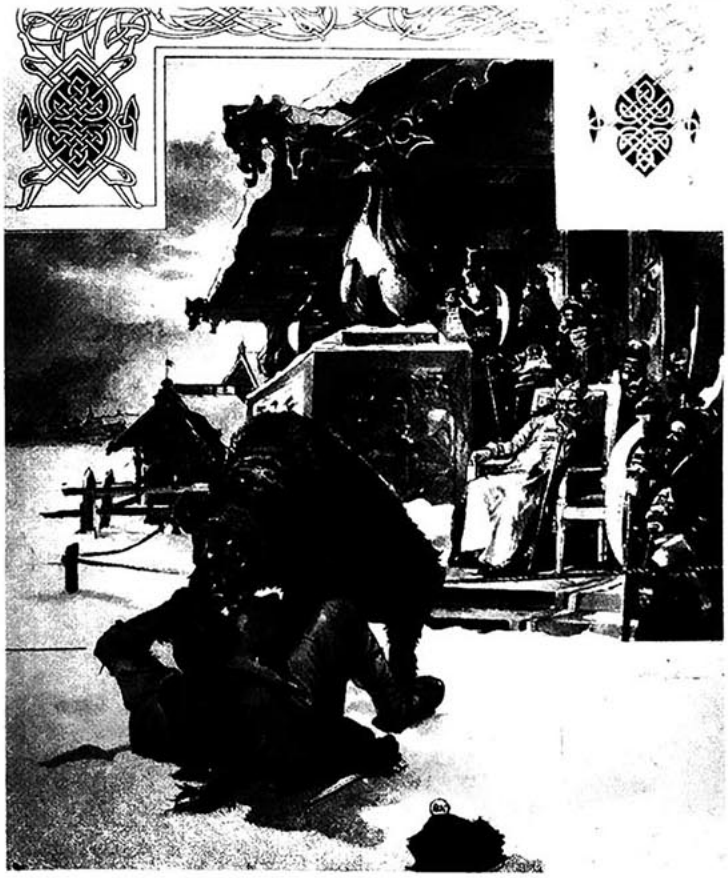
Não fez, como costumava, um ataque frontal à cidade. Antes, invadiu os mosteiros da vizinhança e aprisionou todos os monges, que eram por volta de quinhentos. Só então os opritchniki prenderam os comerciantes mais prósperos e suas famílias, dando início à matança em larga escala: primeiro morreram os anciãos da igreja, cujos corpos espancados foram devolvidos aos mosteiros, para o enterro. Em seguida, Ivan dirigiu-se até a

Catedral de Santa Sofia, onde o arcebispo Pimen o aguardava, e lhe pediu a bênção. Como Pimen se recusasse a abençoá-lo, Ivan o denunciou como traidor, ao mesmo tempo que insistia para que ele celebrasse uma missa, e ainda quis obrigá-lo a comparecer a um banquete. Diante do sacerdote impassível, o czar praguejava furiosamente. Então ordenou a seus homens que saqueassem a catedral, prendessem Pimen e seus auxiliares e que os expulsassem da cidade. Antes disso, porém, humilhou o arcebispo, forçando-o a despir-se e o amarrou seminu a uma égua branca que trotou em direção a Moscou. Em seguida, Ivan ordenou que prendessem os boiardos mais eminentes de Novgorod, assim como suas famílias, seus servos e sacerdotes, e os trouxessem à sua presença. Todos foram torturados sem piedade e sem motivo: foram queimados com ferro em brasa e chicoteados; em seguida os amarraram a cavalos e os arrastaram até o rio Volkhov, onde foram afogados. As mulheres e as crianças eram presas umas às outras antes de serem atiradas ao rio.

Todos os dias ele montava em seu cavalo e dirigia-se para um outro mosteiro onde se deliciava com sua crueldade.

HEINRICH VON STADEN
um aventureiro germânico referindo-se ao massacre de Ivan a Novgorod

COLLECTION VIOLLET



Ivan (sentado) aprecia a cruel tortura e a morte de seus súditos. Com seu comportamento, ele encorajava os opritchniki *a cometer atrocidades.*

NEW YORK PUBLIC LIBRARY PICTURE COLLECTION

Na Catedral de Santa Sofia, em Novgorod, Ivan pediu a bênção do arcebispo Pimen e recebeu uma recusa. Então, ordenou que seus homens saqueassem a catedral e que humilhassem publicamente o prelado, deixando-o seminu e amarrando-o a uma égua.

A escala da matança em Novgorod é escandalosa: de 500 a 1 000 pessoas foram executadas diariamente durante cinco semanas, segundo relato da época, perfazendo um total de 60 000 mortos. No entanto, em sua biografia sobre Ivan, o príncipe Kurbsky fala em apenas 15 000.

Após o massacre, Ivan ordenou que os sobreviventes de Novgorod — dizem que eram dezessete — se curvassem diante dele e os advertiu: "Homens de Novgorod, que foram deixados vivos, peçam a Deus pelo nosso soberano poder religioso e pela vitória sobre todos os inimigos, visíveis e invisíveis". Finalmente, o czar e seus opritchniki saquearam os mosteiros e as casas dos boiardos, incendiaram o que restava das construções e partiram de Novgorod: deixaram para trás uma cidade tão devastada, que nunca mais conseguiria recuperar a antiga posição de destaque.

Este foi um exemplo extremo dos ataques e matanças perpetrados pelos opritchniki, sob o beneplácito e — quase sempre — em presença do próprio czar. Ninguém estava imune. Em 1569, chegou a vez do primo Vladimir Staritsa, que ousara cobiçar o trono de Ivan; com ele foram massacrados seus amigos e sua família.

Em 1569, Ivan iniciou o expurgo dos opritchniki, *e nele incluiu um de seus assessores favoritos, Malyuta Skuratov, um boiardo insignificante, retratado (à esquerda) nesta cena de uma peça representada em 1938. Skuratov figurou com destaque em muitas das piores depravações dos* opritchniki.

SOVFOTO

THE BETTMANN ARCHIVE

Abruptamente Ivan aboliu os opritchniki *em 1572. Mas haviam provocado uma devastação tão ampla e profunda que os camponeses tiveram de abandonar suas vilas e seu trabalho, buscando refúgio em outras terras ou junto aos cossacos.*

Mas o dia do ajuste de contas se aproximava, configurado nos invasores tártaros, que Kurbsky e os soldados russos um dia haviam vencido. Dessa vez, porém, Kurbsky não estaria ao lado do czar para ajudar a defender Moscou.

No início de 1569, Ivan voltou-se contra a própria criação e repentinamente passou a expurgar os opritchniki: os temidos homens de negro começaram a desaparecer. Durante algum tempo, Skuratov ainda conseguiu manter-se sob as graças do czar, e os assassinatos, rapinas e saques continuaram. No final do ano, porém, Ivan ordenou a prisão de Skuratov e de Basmanov; em junho de 1571, iniciou-se um segundo expurgo, e outros eminentes opritchniki foram executados; no ano seguinte, Ivan aboliu por completo a detestável organização.

Mas os resultados daqueles anos terríveis ainda se fariam sentir a fundo por todo o país. Com o desmembramento dos grandes Estados próximos a Moscou e as taxas absurdas exigidas pelos proprietários opritchniki, os camponeses locais que antes haviam servido aos boiardos praticamente desapareceram. Muitos deles tentaram escapar da fome arrastando suas famílias para o selvagem norte, onde procuraram organizar fazendas no lu-

gar das florestas. Outros, para evitar os saques tártaros, escaparam para o sul. Foi tal a emigração, que um levantamento realizado alguns anos depois, num distrito próximo a Moscou, revelou que dois quintos da terra arável havia sido abandonada, e que apenas a metade da restante continuava produtiva na época. Na região de Novgorod, onde os opritchniki de Ivan tinham atuado com mais violência, apenas 7% das terras estavam sendo cultivadas.

Eles dizem que não sobrou nenhuma casa na cidade (...) as pessoas ficaram asfixiadas e foram queimadas, caindo umas sobre as outras.

De um emissário britânico sobre o saque dos tártaros em Moscou

Os camponeses falidos que fugiram para o sul depararam-se com bandos independentes e autogovernados de tártaros, russos ou ucranianos, que vagavam pelas estepes meridionais da Rússia. Eram os cossacos, cuja denominação deriva da palavra tártara *kazak*, que significa "homem livre" ou "aventureiro".

Os cossacos surgiram no século XV, quando o poder da Horda Dourada começou a declinar. Já no início do século XVI, os governantes de Moscou e da Lituânia usaram os serviços de alguns cossacos na proteção militar de suas fronteiras, embora em sua maioria eles fossem livres, servindo apenas a si mesmos.

Durante o reinado de Ivan, quatro grandes grupos de cossacos estavam em expansão: os *zaporozhian* — ucranianos que moravam numa ilha no baixo Dnieper, reunidos numa comunidade militar de cavaleiros onde era proibida a presença de mulheres sob pena de morte ao infrator. Os outros três grupos eram o Don, o Iaik e o Terek, cujos nomes se reportavam aos vales dos rios em que habitavam: compunham-se, em sua maioria, de russos.

De uma inquietante independência e altamente disciplinados, os cossacos viviam em sociedades democráticas baseadas em direitos iguais: cada homem tinha um voto na assembléia governante que elegia o líder — chamado *hetman* entre os ucranianos, e *ataman* entre os outros cossacos. O líder presidia a assembléia em tempos de paz; durante as guerras, porém, exercia absoluta autoridade sobre todo o grupo.

Os cossacos atraíam sobretudo os camponeses fugitivos que se recusavam a voltar à sua região de origem. Os camponeses do norte, particularmente, vendo aumentar cada vez mais os limites das terras que deviam cultivar, acabavam fugindo, e freqüentemente buscavam refúgio entre os cossacos, atraídos por sua vida mais livre, dedicada à caça, à pesca e ao saque, especialmente aos tártaros da Criméia.

Em conseqüência desse êxodo, a produção agrícola diminuiu, fazendo com que diminuíssem também os lucros dos boiardos do norte, que assim não podiam mais sustentar os exércitos do czar. Diante disso, a guerra li-

SOVFOTO

Os cossacos eram bandos independentes de camponeses-soldados que percorriam sem destino o sul da Rússia, algumas vezes a serviço dos nobres ou do czar. Os cossacos Zaporozhian (retratados numa tela do século XIX por Ilya Repin) viviam em comunidade militar exclusivamente masculina, numa ilha do rio Dnieper.

voniana tornou-se ainda mais impopular e detestada, com os russos cada vez mais enfraquecidos.

Os tártaros da Criméia, por sua vez, viram no tumulto que caracterizava o reinado de Ivan uma oportunidade de aumentar ainda mais seu controle sobre o sul da Rússia. Em 1569, organizaram uma forte campanha para reconquistar Astrakan, só que não tiveram sucesso. Contrariados, dois anos depois voltaram-se para o norte, em direção a Moscou. Ao ver que o inimigo se aproximava da capital, Ivan começou a se desesperar e pessoalmente preparou uma barricada para se refugiar com sua família e seu tesouro no Mosteiro de São Sérgio, na localidade de Troitsky, a aproximadamente 64 quilômetros ao norte de Moscou. Mas, quando os tártaros chegaram às portas da cidade, Ivan fugiu para mais longe, indo se refugiar a mais de quinhentos quilômetros ao norte. Sua atitude desnorteou os soldados russos: a maior parte de seu exército estava envolvida na guerra contra a Livônia e o restante, vendo-se abandonado pelo czar, não conseguiu oferecer muita resistência. O Kremlin ainda reagiu durante algum tempo, mas os outros setores da cidade foram incendiados. Um oficial inglês que presenciou o

ataque, assim o descreveu: "A cidade e os subúrbios, numa área de quase cinqüenta quilômetros quadrados de construção, quase que totalmente de madeira de pinho e carvalho, foram destruídos em apenas seis horas, com milhares de homens, mulheres e crianças queimados ou espancados até a morte".

Enquanto as chamas consumiam a capital, a triste visão dos cavaleiros tártaros conduzindo seus prisioneiros emergia no horizonte dos campos ao sul de Moscou. Acredita-se que os prisioneiros fossem por volta de 100 000 e junto com eles vinha também o produto dos saques. Encorajados por esse sucesso, os tártaros fariam novo ataque em 1570, mas dessa vez não conseguiram ultrapassar as muralhas ao sul da cidade.

O Estado de Ivan começava a afundar irremediavelmente. Apenas por sorte os tártaros não conseguiram tomar dos russos tudo aquilo que Kurbsky e seus soldados haviam conquistado depois de muita luta; enquanto isso, no nordeste, só o caos político que convulsionava a Polônia e a Lituânia conseguiu evitar o desastre militar dos russos durante a guerra livoniana.

Quando Ivan lançara sua primeira campanha livoniana, em 1558, a situação o favorecia: havia conquistado

As expectativas de Ivan em relação à campanha livoniana ameaçaram frustrar-se em 1569, quando o soberano polonês Sigismundo Augusto forçou a Lituânia a fazer uma aliança com a Polônia, chamada União de Lubin, estabelecendo uma frente unida contra a Rússia. Neste quadro a celebração religiosa da união.

THE BETTMANN ARCHIVE

diversas cidades, como Narva e Dorpat; depois, porém, sua campanha se enfraquecera, e ele jamais conseguiria atingir seu principal objetivo — a conquista de cidades estratégicas como Reval (no golfo da Finlândia, na atual Estônia) e Riga. Além disso, o próprio sucesso acabara se voltando contre ele, pois, em pânico frente ao avanço russo, Reval aceitara proteção da Suécia e a Livônia se deixara anexar à Polônia, também em troca de uma aliança militar. Alguns anos mais tarde, precisamente em 1563, Ivan havia decidido atacar a Lituânia e, depois de percorrer uma grande área do país, suas tropas invadiram Vilna, a capital. Entretanto, em 1569, sua campanha no Báltico ficou seriamente ameaçada, pois o rei Sigismundo Augusto da Polônia forçou uma aliança entre a Lituânia e Varsóvia, a chamada União de Lubin: nesse nomento, Ivan se viu diante da oposição unida Polônia-Lituânia.

Vocês dizem que sou agressivo e vingativo. É verdade, mas perguntem-se com quem sou agressivo. Sou agressivo com aqueles que são agressivos comigo!

IVAN, O TERRÍVEL
a um representante
da corte polonesa

Em 1572, com a morte de Sigismundo, a situação ameaçou uma reviravolta favorável a Ivan: diante da incerteza de quem substituiria o rei polonês, aventou-se a hipótese de o czar russo assumir o trono. Durante algum tempo essa idéia ecoou entre muitos poloneses e russos, favoráveis ao plano, que viam nessa união a possibilidade de se criar um grande império eslavo.

Mas havia muitos obstáculos a isso. Um deles veio do próprio Ivan, que exigiu ser coroado monarca de Moscou, da Polônia e da Lituânia como Estados separados, e pediu ainda a anexação da Livônia a Moscou. Ele queria também que grande parte dos territórios da Lituânia e da Polônia, incluindo-se Kiev, fosse cedida a Moscou.

Kiev, no passado a cidade mais importante da Rússia, guardava um significado especial para Ivan e para a maioria dos russos: fora ali, no final do século X, que o cristianismo se iniciara na Rússia, quando o príncipe Vladimir adotou a fé ortodoxa de Constantinopla.

O segundo obstáculo era exatamente o religioso: embora a Polônia fosse católica romana, Ivan insistiu em ser coroado rei da Polônia pelo arcebispo ortodoxo. Finalmente, o que de fato lançou por terra os projetos de coroação foi a atitude decididamente contra, adotada pela França, pela Áustria, pela Suécia e reforçada pela Turquia: se tal união se consumasse, esses países teriam um monstro à sua porta.

Ivan foi, portanto, rejeitado, e em seu lugar o Parlamento dos Nobres (o Sejm polonês) escolheu como rei Henrique de Valois, em 1573; no entanto, um ano depois o novo rei abdicaria do trono para voltar à França e suceder seu irmão Carlos IX na coroa francesa. Finalmente, depois de algumas disputas sucessórias, Estêvão Bá-

THE BETTMANN ARCHIVE

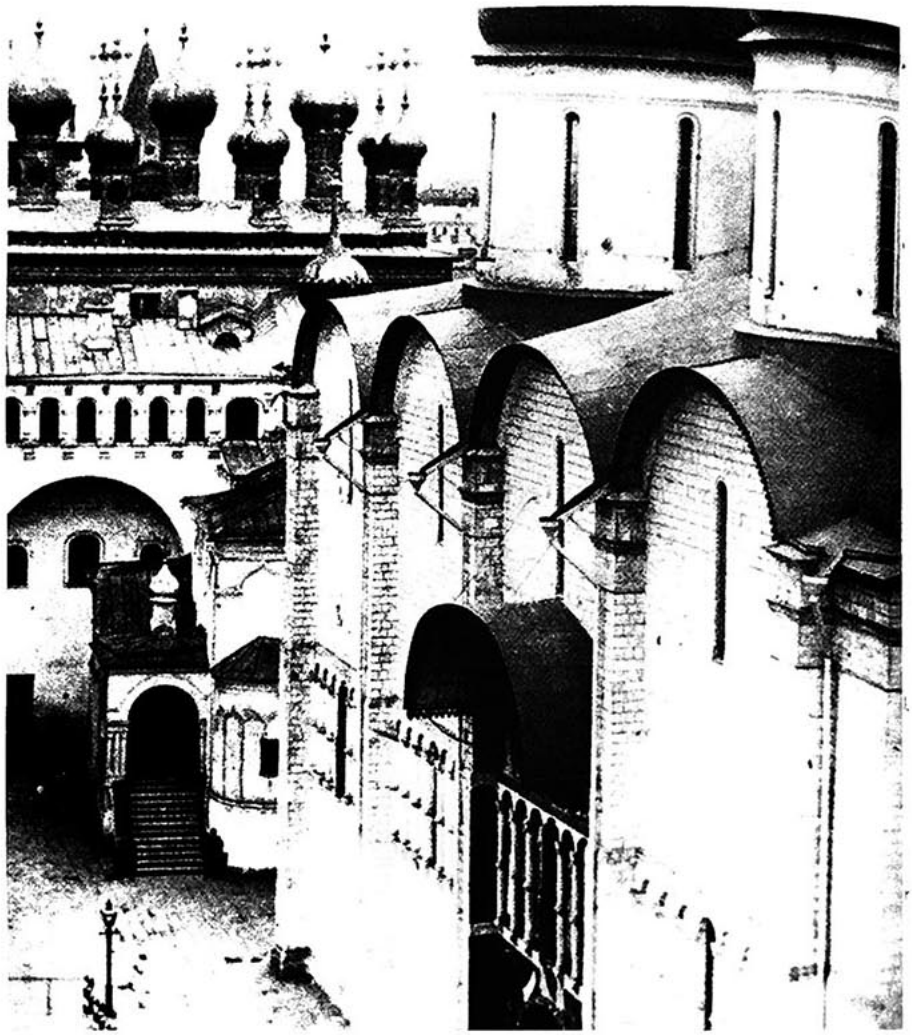
Após a morte de Sigismundo Augusto, em 1572, o parlamento polonês empenhou-se durante vários anos na busca de um sucessor. Em 1575, finalmente, os nobres escolheram Estêvão Báthory (ao lado), um príncipe húngaro, que seria rei da Polônia durante onze anos.

thory, um príncipe húngaro da Transilvânia, foi eleito rei da Polônia, em 1575. Báthory iria governar até 1586. Para os poloneses a escolha se revelou sábia; para Ivan e Moscou, foi um desastre.

Já em 1578, o novo rei polonês havia derrotado os exércitos de Ivan em três brilhantes campanhas, conquistando em apenas três anos a maior parte do território que o governo de Moscou havia conseguido nos vinte anos anteriores. Ainda em 1578, os russos foram terrivelmente atingidos pelos suecos em Wenden e, no ano seguinte, perderam Polotsk e Smolensk — a porta estratégica entre Moscou e a Polônia — para os exércitos de Báthory. Em 1581, depois de muitos ataques, Ostrov também caiu. Nesse momento, exatamente quando Ivan planejava uma contra-ofensiva, o exército polonês aproximou-se de Pskov, a cidade na margem sul do lago Peipus, próximo ao golfo da Finlândia. Os russos conseguiram se defender desse ataque, mas logo depois perderam Narvas e as outras saídas para o mar Báltico, incluindo Ivangorod e Koporye. As ambições de Moscou em relação ao ocidente estavam aniquiladas: Ivan não conseguira estabelecer uma sólida presença russa no mar Báltico.

THE BETTMANN ARCHIVE

O humilhante fracasso de Ivan na campanha do Báltico impeliu-o a procurar reforço na Europa, propondo uma aliança com a rainha Elisabete I, da Inglaterra. Ele até mesmo considerou a possibilidade de se casar com a rainha inglesa para estreitar os laços entre os dois países.



PHOTOWORLD/FPG INTERNATIONAL

Entre 1570 e 1580, apesar de vários casamentos, Ivan levou uma existência solitária e amarga no Palácio do Kremlin, onde vagava assustado pelos corredores, cada vez mais distante da realidade.

Além disso, essas guerras haviam exaurido os cofres e o poder dos homens de Moscou.

Sentindo-se humilhado por tantas derrotas, Ivan procurou aliados. Inicialmente voltou-se para a Inglaterra, com a qual mantinha relações amistosas e comerciais. Em sua singular correspondência com a corte britânica, propôs à rainha Elisabete I uma aliança entre os dois reinos, chegando mesmo a considerar a possibilidade de se casar com a famosa monarca solteirona. A resposta foi um "não" a esse casamento, seguida da sugestão para que Ivan se casasse com alguma jovem da família real inglesa, como, por exemplo, Lady Mary Hastings, sobrinha-neta de Elisabete I. Ivan não se dignou a responder.

Os tempos ficavam cada vez mais difíceis para o czar

que, mergulhado em profundo descontentamento, pensou em abdicar do trono e buscar asilo na Inglaterra. À medida que o tempo passava, ele parecia mais distante da realidade. Evitava os boiardos e seus conselheiros. O grande pátio do Kremlin, as igrejas, os palácios com seus corredores sem fim pareciam aterrorizá-lo. "Estou física e mentalmente doente" — ele escreveu com amargura. "A ferida em minha alma e meus males físicos aumentam dia a dia, e não há um médico que possa me curar! Em vão tenho esperado por alguém com quem possa dividir meus problemas, mas não veio ninguém. Todos pagam com maldade o bem que lhes fiz. Não há justiça no mundo. Até mesmo um czar não a encontra entre seus súditos e servos."

Os cristãos estão sendo escravizados, o cristianismo está sendo destruído, e meus filhos ainda não cresceram.

IVAN, O TERRÍVEL
quando se negava a abdicar, em 1571

De fato. Depois de Anastásia, Ivan nunca mais encontrou conforto para seus problemas em sua vida particular. Fez diversos casamentos na década de 1570: após a morte de Maria Temriukovna em 1569, casou-se, com Maria Sobakina, filha de um comerciante de Tven, em 1571, mas ela morreu duas semanas depois. Nessa época, o segundo filho de Ivan, nascido de seu casamento com Anastásia, seu herdeiro czaréviche Ivan, também procurava por uma noiva. Pai e filho casaram-se em poucas semanas. Ivan casou-se em abril de 1572, com Anna Koltovskaya, uma camponesa por quem se sentira atraído, mas em maio de 1575 divorciou-se dela e a mandou para um convento. Ali, Anna seria a Irmã Darya e sobreviveria a Ivan. A seguinte foi Anna Vasilchikova: casaram-se em 1575; no entanto, dois anos depois ela morreu. Ainda em 1577, Ivan voltaria a se casar — com a bela viúva Vassilisa Melentieva —, só que essa união nunca foi reconhecida pela Igreja. A viúva também seria enviada a um convento. Em nenhum desses casamentos, porém, Ivan conseguiu estabelecer laços tão fortes como os que o uniram a Anastásia.

Provavelmente continuava se casando porque o czar devia se casar — era essa a idéia promovida pelos boiardos e pelo clero, pois havia sobretudo a questão sucessória. Com Anastásia, Ivan tivera sete filhos, dos quais apenas dois haviam sobrevivido: o czaréviche Ivan e Fyodor. Só que Fyodor era fraco e débil mental. Por isso, os nobres e os bispos preocupavam-se com uma linhagem sucessória mais segura e, ao mesmo tempo, tentavam dificultar o relacionamento obsessivo de Ivan com a Inglaterra, temendo que ele abandonasse a Rússia. Foi, então, ainda sob pressão dos boiardos, que no verão de 1580, Ivan concordou em se casar com Maria Nagaya, a filha de um oficial da corte. Dessa união nasceu Dimitri, em 1582, mas essa criança desafortunada não conseguiria prolongar a dinastia Rurik de Moscou.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
RUI BARBOSA
CARLOS BARBOSA — RS

5

Sibéria: uma fonte de riqueza

Era grande a pressão para que Ivan fizesse as pazes com a Polônia. Em julho de 1581, o papa Gregório XIII enviou um mensageiro especial, Antônio Possevino, para tentar reconciliar Varsóvia e Moscou, mas o jesuíta pareceu mais interessado em tentar converter os russos ao catolicismo romano do que em estabelecer a paz. Ivan, por sua vez, recusou-se a considerar a questão: "O papa não é Cristo", bufava com desdém, "seu trono não é uma nuvem e seus mensageiros não são anjos". E em sua obsessão, teimava em prosseguir a guerra, ainda que os fracassos no oeste tenham reforçado entre os boiardos uma crescente onda de críticas à sua política. Assim, enquanto Pskov, tomada por Báthory, conseguia se reerguer com bravura, mesmo sem ajuda de Moscou, Ivan se deixava abalar brutalmente pelos rumores de que estaria velho demais e sem ação para perseguir os inimigos. Esse descontentamento contribuiu para que se efetivasse o projeto de alguns boiardos, que queriam o czaréviche Ivan no comando do Exército.

Em 1582, Moscou iria assinar uma trégua de dez anos com Varsóvia e, no ano seguinte, concluiu uma trégua de três anos com a Suécia. Ivan perdeu todos os territórios que havia conquistado nas primeiras etapas da guerra e ainda teve de ceder algumas cidades para a Suécia. A guerra do czar — a primeira grande tentativa de Moscou em estabelecer uma base no Báltico — enfim se revelava um terrível fracasso. Ainda iria se passar mais de um século antes que o projeto russo de acesso ao Báltico se concretizasse.

O czaréviche Ivan tinha 27 anos nessa época, e era tão cabeça-dura quanto seu pai. Embora tenham vivido afastados um do outro logo após a morte de Anastásia, quando voltaram a conviver os dois se tornaram inseparáveis. Tinham praticamente o mesmo temperamento e, em particular, a mesma impetuosidade. Isso, porém, iria resultar numa tragédia.

Aos 52 anos, Ivan era um homem em quem a mais sim-

Ivan mal levantou um dedo e o novo e vasto império da Sibéria deslizou para suas mãos.

ROBERT PAYNE e NIKITA ROMANOFF
historiadores comentando sobre a conquista da Sibéria

À esquerda: *Com sua liderança posta em xeque e sua política ameaçada, Ivan mergulhou ainda mais no desequilíbrio emocional, oscilando intensamente entre a melancolia e a violência. Esse descontrole propiciou aos boiardos concretizar o projeto de colocar seu filho czaréviche Ivan no comando do Exército.*

THE BETTMANN ARCHIVE

THE BETTMANN ARCHIVE

Em 1581, Gregório XIII enviou um emissário especial a Moscou, numa tentativa de negociar a paz entre a Rússia e a Polônia. Embora Ivan tenha expulsado o emissário, alguns anos depois ele encerraria sua fracassada aventura militar no Báltico.

Nós não tivemos igrejas romanas no passado e nem teremos no futuro.

IVAN, O TERRÍVEL
dirigindo-se ao núncio enviado pelo papa

ples contrariedade despertava uma fúria cega. No final de 1581, o czar dirigiu-se aos aposentos de seu filho no Palácio de Alexandrova Sloboda para juntos comparecerem a um serviço religioso. Quando chegou ao quarto, notou que sua nora não estava convenientemente vestida para a ocasião e, tomado pela raiva, começou a espancar a jovem, que estava grávida. Ao ouvir os gritos da esposa, o jovem Ivan correu até eles e tentou deter o pai. Aquilo enfureceu Ivan ainda mais: considerava sacrilégio alguém tocar o czar sem permissão. Mas o incidente aparentemente terminou sem maiores conseqüências, pois pai e filho se contiveram, cautelosos. O ressentimento mútuo, porém, ficara apenas abafado.

Não se sabe com precisão o que se passou quando os dois se encontraram novamente naquele dia, pois, exceto o jovem Boris Godunov, não havia mais ninguém com eles. Tudo teria recomeçado quando o czar falava de sua riqueza, seu assunto predileto, e o czaréviche comentou que aquilo não fazia sentido se o Estado não fosse forte o suficiente para sustentá-la. O czar Ivan interpretou o comentário do filho como uma crítica à sua conduta na guerra e ficou furioso. Então, agrediu o czaréviche com um pesado bastão de ponta de ferro que ele sempre trazia consigo. Boris Godunov tentou impedi-lo, mas foi atirado ao chão e ferido com a ponta aguda do instrumento. Em sua fúria, Ivan continuou a bater no filho, até que

COLLECTION VIOLLET

Nos primeiros anos da década de 1580, Moscou assinou tratados com a Polônia e a Suécia pondo fim às hostilidades. O brasão russo foi afixado a dois tratados com a Suécia, que tomavam de Ivan os territórios conquistados durante 25 anos de luta, obrigando-o, para sua enorme frustração, a se retirar do Báltico.

NOVOSTI PRESS AGENCY

acertou uma forte pancada em sua têmpora. Então parou, assustado com o sangue que em vão tentava estancar. O jovem agonizante ainda tentou se desculpar perante o pai que, ao se dar conta da gravidade de seu gesto, entrou em desespero. Depois de alguns dias, o czaréviche morreu.

O remorso tomou conta de Ivan, que inclusive tentou suicídio. Certa noite, deixou o palácio acompanhado por seu filho Fyodor e juntos subiram até a torre da Catedral de São Basílio. Durante algum tempo, tocaram os sinos e, então, Ivan começou a gritar desesperado, ameaçando atirar-se dali. Não se sabe como, mas Fyodor conseguiu impedi-lo. Ivan caiu num torpor inconsciente.

Absolutamente chocado pela compreensão do que havia feito, o colérico czar perdeu sua fúria, e jamais iria se perdoar pela morte do filho.

Abandonou as roupas luxuosas e freqüentemente caía em pranto convulsivo e incontrolável. Não conseguia dormir, apavorado por sonhos que o perseguiam.

Ivan também compreendeu as conseqüências políticas de sua ação, pois, com a morte do czaréviche, Moscou voltava a viver na incerteza de um sucessor. O único filho que restava do casamento de Ivan com Anastásia não passava de um débil mental, apenas preocupado com pompa e circunstância e ridiculamente empenhado em tocar sinos.

Ivan, por sua vez, só falava em suicídio e abdicação. De certo modo, parecia decidido a abandonar o trono, mas os boiardos, temerosos de sua reação caso se recuperasse e se arrependesse desse gesto, aconselhavam-no a se manter como czar. Além disso, Ivan passou a confiar cada vez mais nos conselhos de Godunov, que logo havia se recuperado dos ferimentos.

Godunov, um homem inteligente e resoluto, tinha nessa época cerca de 30 anos, e cautelosamente consolidava suas relações com a família real. Conseguiria, por fim, casar sua irmã com o futuro czar Fyodor.

De origem tártara, Godunov era também um homem de estatura imponente e formidável ambição; embora fosse intelectualmente inquieto e sempre disposto a aprender coisas novas, não sabia ler nem escrever; por isso costumava assinar os documentos esboçando um pequeno pássaro (*godun* é a palavra tártara para calhandra). Godunov era também politicamente astuto: alguns anos antes havia se casado com a filha do malvado e poderoso Skuratov, o mais terrível dos companheiros de Ivan na opritchnina. Quando Skuratov caiu em desgraça, Godunov fez de tudo para se manter em bons termos com o czar. E ainda era íntimo de Nikita Romanov, tio de Anastásia e um dos boiardos mais poderosos na época.

Desgraçado de mim, matei meu filho!

IVAN, O TERRÍVEL

Neste quadro de Ilya Repin, o agonizante czarévich Ivan é embalado por seu pai enlouquecido. Em 1581, o czar Ivan, num momento de raiva, agredira seu filho e herdeiro com um bastão de ponta de ferro, ferindo-o de morte. Ivan jamais se perdoaria por isso.

Apesar desse indisfarçável pragmatismo cínico, era um homem de visão: sob seu comando, nos últimos anos de reinado de Ivan, Moscou voltaria novamente seus olhos para o leste.

O principal motivo dessa decisão surgiu com a necessidade de os russos conseguirem peles e minerais para comercializarem com os ingleses e holandeses que chegavam a Moscou, contando com a proteção de Ivan.

O mercado de peles siberianas traria riqueza a muita gente. No entanto, ninguém lucrou mais que a família Stroganov, já enriquecida com o fornecimento de sal, na época o ingrediente básico na preservação de alimentos.

Os Stroganov, uma família originária de Novgorod, começaram a se projetar como mercadores ao longo do rio Dvina, no século XIV. No século XVI, o chefe da família era o astuto Anika Stroganov, cujos gestos, tais como fornecer as pedras preciosas com que Moscou presenteou a rainha da Inglaterra, fizeram dele uma pessoa simpática a Ivan. Em troca, Anika Stroganov recebia grandes concessões nas minas de sal. Quando Ivan foi compelido a proibir a produção e venda de vodca, era Anika

Embaixadores russos na Alemanha, em 1576. Os esforços de Ivan em expandir as conexões comerciais na Europa foram facilitados pela abundância de peles valiosas e minerais da Sibéria.

quem importava vinhos para a classe privilegiada. Mas os Stroganov tinham outros amigos na corte, além do próprio czar, e, entre eles, Boris Godunov, que ficara sob os cuidados médicos de Yakov, o filho de Anika, quando fora ferido pelo bastão do czar.

Desde muito tempo Ivan considerava a Sibéria — as vastas terras a leste dos montes Urais — como um patrimônio russo. Ali seu avô havia estabelecido laços de amizade com o khan de Tyumen, e juntos lutaram contra a Horda Dourada, em 1480.

Em 1558 Ivan concedera a Anika Stroganov uma enorme área próxima à cidade de Perm, nas margens do rio Kama, que atravessa as colinas a oeste dos montes Urais. Além disso, Stroganov recebeu permissão para colonizar a região, trazendo imigrantes e camponeses cujos nomes não constavam dos registros de terras na Rússia ocidental. Em 1567, portanto nove anos mais tarde, Ivan enviou uma expedição de cossacos para explorar e descrever as riquezas da Sibéria. Na volta, eles traziam diversos mapas, que seriam úteis na formação de novas expedições e orientariam as concessões de terras.

A conquista da Sibéria foi fruto da visão e da iniciativa dos Stroganov e da coragem e força de um pequeno bando de cossacos.

IAN GREY
historiador britânico

NEW YORK PUBLIC LIBRARY PICTURE COLLECTION

SOVFOTO

Yermak, um cossaco de Don e veterano da campanha livoniana de Ivan, foi escolhido pela rica família de mercadores Stroganov para derrotar o khan da Sibéria. Com um exército de apenas oitocentos homens, Yermak conseguiu praticamente dobrar o território do Império Russo.

A melhor das concessões coube aos filhos de Anika Stroganov — Grigori e Yakov —, em 1574. Durante vinte anos, eles poderiam explorar a mineração de cobre, zinco, chumbo e enxofre e coletar peles numa extensa região atrás dos montes Urais, ao longo do rio Tobol, chamada "Ucrânia Siberiana".

Os Stroganov construíram fortes nos montes Urais para proteger seu povo e seus bens. No entanto, os conflitos com o Exército tártaro de Kuchum, o khan de Sibir, convenceram a família de que o canato da Sibéria deveria ser eliminado. Quando, porém, os Stroganov pediram ajuda ao czar, Ivan concedeu-lhes sua aprovação e sua bênção, mas não enviou auxílio.

Decidiram, então, financiar eles mesmos um exército, e acabaram encontrando um tenente disposto a conduzi-lo: um cossaco do grupo Don, a região do rio Kama, chamado Yermak, que já havia se destacado pela bravura nas campanhas livonianas de Ivan. Yermak era um homem respeitado entre os cossacos e sua fama advinha não tanto de seu desempenho na Livônia como, e sobretudo, do contrabando e de seus saques aos navios — inclusive do czar — que navegavam carregados

SOVFOTO

Após tomar a capital tártara de Iskir, em 1582, Yermak enviou emissários e presentes à corte de Ivan, para anunciar as boas novas. Como recompensa, o czar o elevou à posição de nobre, mas o cossaco morreu na Sibéria, antes de empreender sua jornada vitoriosa até Moscou.

de suprimentos pelo rio Volga. O cossaco ainda havia trabalhado para a família Stroganov e fora um dos primeiros a ter conhecimento dos riscos e riquezas que poderiam ser encontrados na Sibéria.

Em setembro de 1581, liderando oitocentos homens, Yermak atravessou os montes Urais e entrou na Sibéria. Escalando as montanhas e percorrendo a pé as densas florestas — impenetráveis para os cavalos —, esse pequeno exército estava munido de mosquetes e de canhões. Mal haviam atravessado os Urais, chegou o inverno e eles viram-se forçados a esperar pela primavera na região em que hoje se localiza a cidade de Tyumen. Em maio de 1582 retomaram sua marcha, chegando ao rio Tobol; durante o verão foram muitos os conflitos entre o pequeno exército de Yermak e os tártaros, mais numerosos. Finalmente, em outubro desse mesmo ano, Yermak organizou habilmente a tomada de Iskir (hoje Sibir), a capital tártara, e prendeu Mahmetkul, o neto do khan Kuchum, quando ambos tentavam fugir.

Vitória consumada, Yermak enviou um mensageiro a Moscou para transmitir ao czar a boa notícia da conquista russa: toda a região do leste siberiano até os rios Ob

e Irtysh e, em direção norte, até o Ártico, estava em seu poder. Para reforçar a notícia, Yermak enviou também 2 400 peles de zibelina, de preço inestimável, cinqüenta peles negras de raposa e cinqüenta peles de castor. Ao receber os presentes e as notícias Ivan ficou maravilhado, pois, somando-se à tomada de Kazan, a conquista da Sibéria havia praticamente dobrado o território russo. Como recompensa, Yermak — um proscrito que nascera pobre — recebeu um título de nobreza. Mas não conseguiria usufruir da nova condição por muito tempo, pois morreu durante uma emboscada, em agosto de 1584: afogou-se enquanto tentava escapar pelo rio Irtysh, vestindo armadura completa.

Com suas obrigações ilimitadas, os servos ficaram à mercê dos senhores que adquiriam cada vez mais autoridade judicial e política em seus Estados.

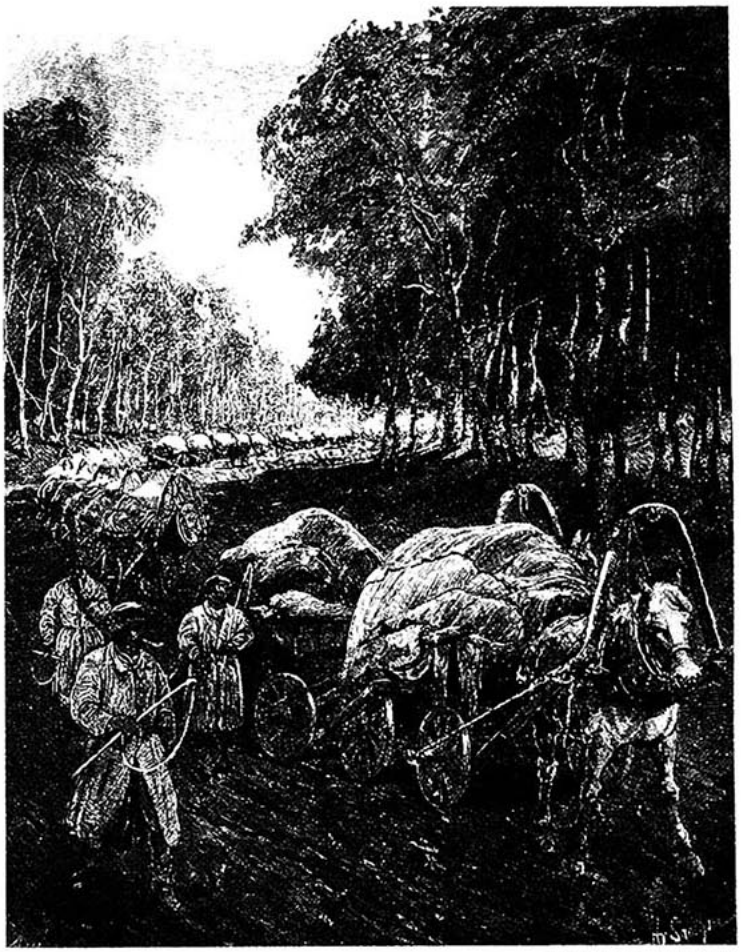
NICHOLAS V. RIASANOVSKY
historiador russo,
comentando sobre a servidão

Ao mesmo tempo em que os russos empenhavam-se em dominar e colonizar as áreas selvagens da Sibéria, Ivan procurava solidificar a nova ordem social que havia sido introduzida durante a opritchnina.

Em seus primeiros anos de governo — antes da formação da opritchnina — Ivan havia tentado sinceramente estabelecer uma relação satisfatória entre o povo e o Estado. Por isso permitira as petições populares que denunciavam crimes e corrupção, e havia liberado alguns distritos para escolherem seus fiscais e arrecadadores de impostos. Seu desejo de obter maior representatividade da opinião de seus súditos formalizou-se, enfim, na convocação da Zemsky Sobor, em 1550, quando os nobres, o clero, os proprietários de terra, os mercadores e até mesmo os camponeses mais prósperos foram chamados para discutir os assuntos internos do país.

Em contrapartida, Ivan sempre procurou impedir a solidificação do poder dos boiardos para que na Rússia não se repetisse a mesma "situação de anarquia" da Polônia, onde os nobres além de controlarem a eleição do monarca tinham também o poder de vetar suas decisões. A campanha brutal que empreendera contra os boiardos durante seu governo havia gerado uma nova classe de proprietários de terra, os chamados *pomestahik*, cuja situação privilegiada estava na proporção direta da fidelidade ao czar. Assim, em 1581, Ivan tomou uma decisão que iria reforçar ainda mais as condições favoráveis desses novos proprietários, assegurando-lhes permanente força de trabalho.

Nos primeiros tempos de Ivan, os camponeses eram legalmente homens livres em seus Estados de origem. Então, foram estabelecidas algumas restrições que, por exemplo, os impediam de deixar o Estado em que trabalhavam antes da colheita no outono. A partir da nova decisão do czar, até isso lhes seria negado: não poderiam mais abandonar o local em que haviam nascido e, daquela data em diante, seriam considerados servos, de-



THE BETTMANN ARCHIVE

Em 1581, Ivan aboliu o direito dos camponeses de se transferir, confinando-os aos Estados de origem e transformando-os em servos. Essa medida foi adotada como garantia de força de trabalho permanente para a nova classe de proprietários fiéis ao czar.

vendo confinar-se ao Estado em que trabalhavam. Um confinamento que foi reforçado pelas dívidas, pois a maioria dos camponeses havia tomado empréstimos com seus patrões para atender a suas necessidades familiares e às referentes aos trabalhos agropecuários: os fundos para comprar uma vaca ou construir uma casa representavam um débito que, somado a outros, raramente o camponês conseguia zerar.

Embora arbitrariamente reduzido a servo, ele conservou alguns direitos: podia recorrer ao tribunal para ser ressarcido de alguma injustiça, podia adquirir terras e ter os próprios servos, mas na prática isso quase nunca acontecia. Assim, ainda que não fossem escravos, já que não se incluíam entre as peças de propriedade de alguém, de fato eram tratados como tais. Com isso, o absolutismo de Ivan atingia o grau mais inferior da sociedade, aprofundando as raízes da autocracia na Rússia.

6

Presságios do fim

No inverno de 1583/84, Ivan completou 36 anos no poder. Nesse longo período havia transformado um grupo de povoados insignificantes num verdadeiro reino, e aproximado a Rússia das atividades européias. Essa forte união nacional se concretizara sob um poder centralizado, absolutista, reforçando-se com o domínio de cidades como Novgorod e Pskov e no avanço em direção ao sul, pelo rio Volga, assim como a leste, pelos montes Urais, até a Sibéria. Embora a ofensiva russa em direção oeste, através do Báltico, tivesse fracassado e só se concretizasse sob Pedro, o Grande, Ivan conseguiu aproximar Moscou das idéias e invenções da Europa ocidental; além disso, os laços comerciais que estabelecera com a Holanda e a Inglaterra persistiriam até muito tempo depois de sua morte.

Em seu longo reinado, Ivan sofreu — e provocou — tragédias e desilusões. A morte de sua primeira esposa, Anastásia, e de seus filhos, em particular do czaréviche Ivan, minou de modo irreversível a natureza doentia do czar. Em 1584, o cinqüentenário Ivan já era um homem desgastado e envelhecido, cada vez mais tentado a se desfazer de seus poderes e obrigações.

Com a chegada do inverno, suas condições físicas e mentais se deterioraram gravemente. Seu corpo e em particular as pernas e os órgãos genitais estavam muito inchados, limitando até os seus movimentos mais elementares. Diante de tamanha decadência, Ivan rendeu-se à idéia de que estava no fim. Além disso, misteriosos presságios pareciam confirmá-la: certa tarde, quando Ivan deixava o Kremlin, notou que, muito baixo no céu, como se estivesse pendurado entre a Catedral de Assunção e a Torre do Sino de Ivan, o Grande, havia um cometa com a cauda em forma de cruz. "Este é o prenúncio de minha morte", comentou alarmado. Dizem que um pássaro negro sobrevoava a cidade todas as noites, gralhando malevolamente e, como o czar e muitos outros acreditavam, trazendo o grande infortúnio.

Nenhum monarca foi mais inflexível com as reivindicações do direito divino que Ivan, o Terrível

MELVIN C. WREN
historiador norte-americano

À esquerda: *Gravemente doente e abalado por uma angústia profunda, Ivan (sentado) convencera-se de que iria morrer no ano de 1584. Por isso, misturando elementos pagãos à sua fé cristã, procurou por todos os meios descobrir o que o futuro lhe reservava.*

SOVFOTO

THE BETTMANN ARCHIVE

Uma ilustração de superstições medievais comuns. Como as condições físicas e mentais de Ivan pioravam, sua crença em superstições e feitiçarias aumentou. Assim, a visão de um cometa ou de pássaros pretos significavam para ele presságios de morte.

Embora fosse cristão, Ivan nunca desprezara as práticas pagãs e, particularmente no final da vida, mesclavam-se nele as duas formas religiosas. Assim, querendo adivinhar seu futuro, enviou um auxiliar a Lapland, no norte longínquo, para consultar videntes famosas. Pouco depois, elas foram trazidas ao Kremlin, onde fizeram jogos de palavras mágicas e procuraram sinais no céu. Embora não tenham revelado seu presságio a Ivan, elas previram que sua vida terminaria em 18 de março de 1584.

No dia 10 de março, sentindo-se por demais enfraquecido, Ivan decidiu adiar o encontro com uma delegação da Lituânia que estava a caminho de Moscou, e os visitantes foram instruídos para aguardar fora da cidade.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY PICTURE COLLECTION

Ivan morreu no dia 18 de março de 1584, após longa doença. Vivera seus últimos dias preparando o testamento, inspecionando o tesouro real e organizando um conselho de regentes para governar o país após sua morte.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY PICTURE COLLECTION

O filho de Ivan, Fyodor, sucedeu seu pai como czar, mas o verdadeiro governante da Rússia depois de Ivan foi Boris Godunov. Astuto, Godunov havia arranjado o casamento de sua irmã com Fyodor, fortalecendo assim o próprio direito ao trono.

No mesmo dia, Ivan enviou uma carta volumosa e cheia de orações para uma ordem de monges particularmente estimada por sua piedade. Dizia: "Curvo-me diante de vossos pés e rezo ajoelhando-me diante de vossa santidade, implorando por vosso auxílio (...) para que eu possa me recuperar da doença mortal que me afeta".

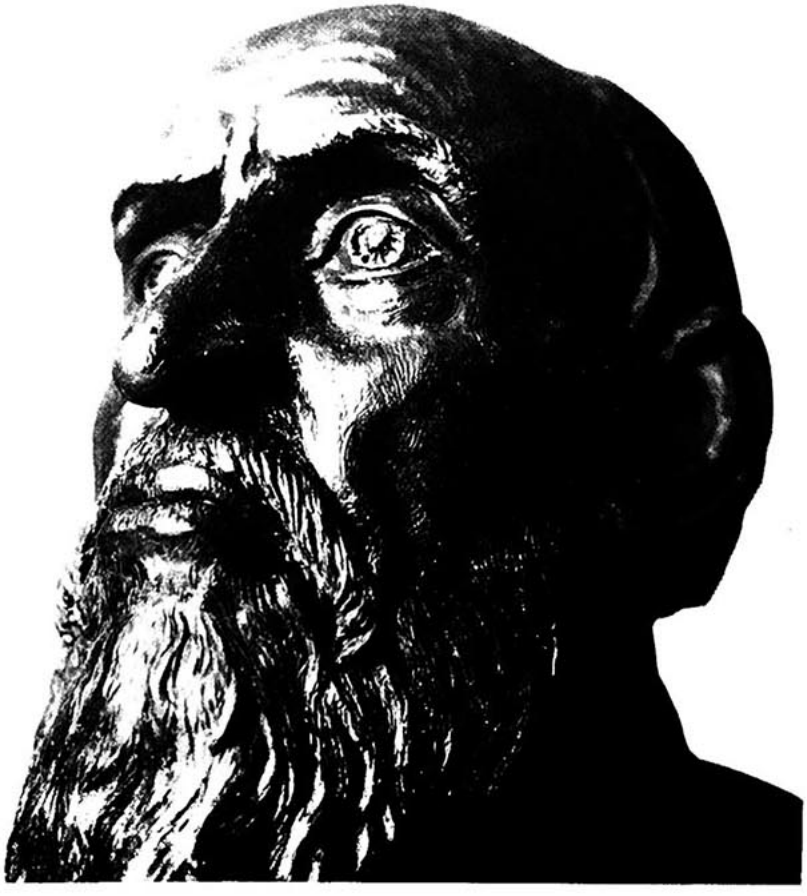
Mas, caso as orações não resolvessem, Ivan preparou seu testamento. Era longo, repleto de auto-recriminações e de desprezo por si mesmo; nele nomeava Fyodor como seu herdeiro no trono de Moscou. Ao pequeno Dimitri, deixava o principado de Uglich, no Volga. Como sabia que nem Fyodor nem o bebê Dimitri seriam capazes de governar sozinhos, nomeou um conselho de quatro regentes, que administrariam o reino: Ivan Chuisky, Nikita Romanov, Ivan Mstislavsky e Boris Godunov. Ivan os instruiu particularmente para que cuidassem de seus filhos e procurassem manter o reino em paz, sobretudo com relação aos cristãos vizinhos de Moscou. Tomava como exemplo os efeitos desastrosos das longas guerras com a Polônia, Lituânia e Suécia: Ivan não desejava que se repetissem.

Ainda lhe restavam, porém, alguns resquícios de vitalidade: continuava atraído pelo sexo feminino, e tentou seduzir a esposa de Fyodor, Irina Godunova, que reagiu aos gritos. Ivan também gostava de ser carregado em sua cadeira para inspecionar o tesouro real. E fitava longamente os diamantes, os rubis, as pérolas, as opalas, as safiras e todo o ouro que se acumulava à sua frente. Por vezes, detinha-se em objetos a que dava maior importância, como um suposto chifre de unicórnio pelo qual havia pago uma fortuna; o favorito, no entanto, era uma magnetita — uma pedra-ímã — que Ivan considerava mágica (a energia magnética ainda era desconhecida).

No dia 18 de março, o czar parecia melhor. Tomou um banho quente para diminuir o desconforto provocado pelo inchaço de seus membros e aceitou que a delegação da Lituânia, instalada em Mozhaisk, viesse ao seu encontro. Mais tarde, no mesmo dia, ele tomou alguns medicamentos e outro banho. Sentia-se bem e quis jogar xadrez. Segundo Jerome Horsey, um inglês que vivia na

Ele não sentia nada a não ser escárnio e impaciência por seu filho tímido e fradesco.

HANS VON ECKARDT
historiador alemão comentando a respeito da opinião de Ivan sobre Fyodor, seu herdeiro



SOVFOTO

Durante seu reinado, Ivan centralizara todo o poder. No futuro, vários aspectos de sua personalidade seriam modelo para governantes russos como Pedro, o Grande, e Stálin, que o viam como um líder forte e resoluto.

A Torre do Sino de Ivan, o Grande (centro) no Kremlin. Fyodor, o único filho sobrevivente de Ivan, era doente e débil mental. Completamente incapacitado para governar, Fyodor apreciava sobretudo o luxo da corte e alimentava um gosto mórbido pelo toque dos sinos, deixando-se ficar por longas horas nos campanários do Kremlin.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY PICTURE COLLECTION

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
RUI BARBOSA
CARLOS BARBOSA — RS

NOVOSTI PRESS AGENCY

corte russa, Ivan não conseguiu que seu rei chegasse a uma posição favorável no tabuleiro. Frustrado, deixou-se tombar para trás, na cadeira. No início, os que estavam à sua volta não se alarmaram, pois freqüentemente assumia tal atitude se fosse contrariado. Mas, quando o czar não se moveu, eles o examinaram e, segundo Horsey, constataram que estava "sufocado e irremediavelmente morto".

Godunov assumiu seu lugar. Antes mesmo da morte do czar, os regentes já haviam estabelecido o plano para a transmissão de poder. Os portões do Kremlin foram fechados, e Godunov ordenou que a guarda ficasse em alerta e que a artilharia se posicionasse nos muros do Kremlin para evitar qualquer tentativa de tumulto. Como medida de proteção, o tesouro foi lacrado.

Enquanto isso, o corpo de Ivan estava sendo preparado para os rituais funerários: barbearam-no, cortaram seu cabelo e, segundo a tradição, vestiram-no de monge para a cerimônia de admissão na ordem monástica.

Não foi fácil localizar Fyodor para lhe comunicar que seu pai estava morto e que ele seria coroado o novo czar. Finalmente o encontraram num dos campanários, ouvindo fascinado as badaladas em homenagem a seu pai. Trazido ao quarto em que Ivan jazia, chorou amargamente.

Após as solenidades da Igreja Ortodoxa, Ivan foi sepultado na Catedral de São Miguel Arcanjo, no Kremlin, no sarcófago ao lado do que guardava os restos mortais do filho que ele havia assassinado três anos antes.

Terrível durante seu reinado, Ivan passaria para a História como um homem forte numa época em que se fazia necessário alguém como ele. Sob sua imagem, futuros czares russos iriam se moldar, especialmente Pedro, o Grande, que o admirava muito.

Mas a dinastia Rurik morreu com Ivan. Fyodor nunca esteve no comando e morreu em 1598 sem deixar herdeiros. Dimitri, o outro filho, morreu prematuramente em circunstâncias misteriosas, mas incapazes de evitar os rumores de que Boris Godunov o assassinara para assumir o trono. Como, de fato, o assumiu, tornando-se czar e governando desde a morte de Fyodor até 1605, quando ele mesmo morreu.

Descrita como suicídio, a morte de Godunov iria mergulhar a Rússia num *smutnoe vremya* (literalmente, um "tempo triste"), um tempo de problemas. Dos conflitos de dinastias que nesse período geraram a guerra civil, finalmente iria emergir a família que governaria a Rússia por trezentos anos — até o final da monarquia russa: em 1613, Mikhail Romanov, com 16 anos de idade, assumiu o trono e o título de Ivan, o Terrível — "Czar e Monarca Absoluto de toda a Rússia".

Dia a dia, Ivan observa com mais atenção este belo jovem de estatura majestosa e cérebro diabólico.

HENRI TROYANT
historiador francês
a respeito
de Boris Godunov

Ambicioso, Boris Godunov conseguira se aproximar da família real e, depois da morte de Ivan, assumiu o governo no lugar de Fyodor; finalmente, com a morte de Fyodor e Dimitri, os últimos herdeiros de Ivan, Godunov subiu ao trono como czar.

Cronologia

1530 — 25 de agosto: Nasce Ivan, filho do Grão-Duque Vassili III e de Yelena Glinskaya.
1533 — Vassili III morre.
1538 — A princesa Yelena morre; Andrei Chuisky assume a regência.
1543 — Ivan ordena o assassinato de Chuisky.
1547 — 16 de janeiro: Ivan se coroa Czar e Monarca Absoluto da Rússia.
3 de fevereiro: Casa-se com Anastásia Romanova.
1548 — Ivan cria o Conselho Eleito.
1550 — Convoca a *Zemsky Sobor* (Assembléia da Nação).
1552 — Ataca os tártaros de Kazan.
outubro: Nasce o czaréviche Dimitri.
1553 — Richard Chancellor chega a Moscou; estabelecem-se relações comerciais entre a Inglaterra e a Rússia.
1554 — Nasce o czaréviche Ivan.
1558 — Nasce Fyodor, o terceiro filho de Ivan e Anastásia; o Exército russo invade a Livônia.
1560 — 7 de agosto: Morre a czarina Anastásia.
Morre Aleksey Adashev; o arcebispo Silvester é exilado.
1564 — O príncipe Andrei Kurbsky, o melhor general de tropas e amigo de Ivan, foge da Rússia e se refugia na Lituânia.
dezembro: Ivan renuncia ao trono, mas volta após o pedido de uma delegação de boiardos, religiosos e pessoas do povo.
1565 — fevereiro: Estabelece um Estado separado, a *opritchnina*
1570 — Massacre de Novgorod.
1571 — maio: Moscou é saqueada pelos tártaros.
1572 — Ivan dissolve a *opritchnina*
1581/82 — Conquista da Sibéria.
1581 — 19 de novembro: Ivan mata seu filho, o czaréviche Ivan.
1582/83 — Fim das campanhas livonianas.
1584 — 18 de março: Ivan morre.

IVAN, O TERRÍVEL

Deus nomeou-me czar (...) e sou o pastor da terra ortodoxa e de seu povo (...) que deve me respeitar e me obedecer em tudo. Porque recebi esse poder não do homem, mas de Deus. — IVAN, O TERRÍVEL

Cruel, louco, devasso, o castigo de Deus na Terra: Ivan, o Terrível, o primeiro czar da Rússia, havia nascido para cada um desses epítetos do mal. Determinado em centralizar o poder do Estado sob a autoridade de Moscou, e insistindo em conquistar no Báltico uma passagem comercial para a Europa, Ivan quase destruiu seu reino.

Nascido em 1530, o primogênito de Vassili III, o grande príncipe de Moscou, Ivan ficou órfão em 1538 e foi transformado em joguete dos boiardos — os homens da nobreza russa — em suas disputas pelo poder. Finalmente, para provar a própria força, ordenou que atirassem seu tutor aos cães e, em 1547, coroou-se czar. Durante os primeiros anos de seu reinado, estabeleceu um conselho com o qual trabalhou para realizar reformas no governo, no código de leis e na Igreja. Além disso, com o propósito de expandir e proteger seu Estado, Ivan conquistou os territórios de Kazan e Astrakan, em poder dos tártaros.

Mas, em 1560, a morte de sua esposa Anastásia, a quem adorava e que o compreendia como ninguém, deixou-o traumatizado. Depois dessa perda, seu temperamento difícil foi se tornando cada vez mais instável e violento, incontrolável.

Em 1565, Ivan criou um Estado à parte, a *opritchnina*, e com seus terríveis oficiais sempre vestidos de preto, transformou seu reinado em terror: intolerante com as críticas e cada vez mais paranóico, torturou e assassinou muitos súditos, em verdadeiros massacres. No auge de sua fúria, em 1570, chacinou os habitantes de Novgorod e arrasou a cidade; alguns anos depois, durante uma discussão, matou seu filho e herdeiro. Ficou horrorizado com esse crime, e nunca se perdoou por ele, transformando-se num velho amargo e deprimido. Morreu em 1584.

A despeito de seus excessos, Ivan estabeleceu o núcleo de um Estado poderoso; durante seu reinado, a área do território russo praticamente duplicou, e a Sibéria foi aberta à conquista. Ivan também destruiu a organização política feudal na Rússia, lançando em seu lugar as raízes da autocracia.

Thomas Butson é editor assistente do *New York Times* desde 1968.